



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

LUANA DE NAZARÉ PINTO PENA

**A INTERNET COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA PARA MULHERES
CAPOEIRISTAS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO**

BELÉM-PA

2023

LUANA DE NAZARÉ PINTO PENA

**A INTERNET COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA PARA MULHERES
CAPOEIRISTAS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará, como parte das exigências para obtenção do grau de Mestre.
Área de concentração: Antropologia.

Linha de pesquisa: Gênero, geração e relações étnico-raciais

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Michele Escoura Bueno

BELÉM-PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P397i Pena, Luana de Nazaré Pinto.
 A internet como espaço de atuação política para mulheres
 capoeiristas em tempos de isolamento / Luana de Nazaré PintoPena.
 — 2023.
 72 f. : il. color.
- Orientador(a): Profª. Dra. Michele Escoura Bueno Dissertação
 (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
 Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2023.
1. Internet. 2. Capoeira. 3. Gênero. 4. Pandemia. 5.
 Movimentos sociais. I. Título.

CDD 301

**A INTERNET COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO POLÍTICA PARA MULHERES
CAPOEIRISTAS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO**

LUANA DE NAZARÉ PINTO PENA

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Michele Escoura Bueno (PPGSA-UFPA)

Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Luísa Maria Silva Dantas (PPGSA - UFPA)

Examinadora interna

Prof^ª. Dr^ª. Lara Roberta Rodrigues Facioli (PPGS - UFPR)

Examinadora externa

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Ribeiro de Oliveira (PPGSA - UFPA)

Examinadora suplente

Agradecimentos

Chego aqui, ao final deste ciclo, com uma mistura de sensações, de alívio e de orgulho. Orgulho do quanto aprendi, desde 2020, quando ingressei ao mestrado do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), na Universidade Federal do Pará (UFPA). O contexto de pandemia da COVID-19 me trouxe muitas incertezas, se eu conseguiria finalizar o curso, quais meios eu utilizaria, já que não possuía computador e o isolamento social exigia que tivesse algum equipamento para assistir as aulas e assim conseguisse finalizar o curso.

Sendo assim, aqui agradeço as pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte deste sonho. Primeiramente, agradeço imensamente à minha protetora Nossa Senhora de Nazaré que abriu os caminhos e me guiou para que eu tomasse as decisões certas no momento certo, e por ter dado a força que precisava em situações que me senti incapaz de construir minha dissertação.

Agradeço também às minhas mães Rose, Maria e Fátima que descansam no céu e olham por mim a todo instante, sei que estão orgulhosas com a minha vitória tanto quanto eu. Sou eternamente grata também às minhas primas Natália, Elly e Helô pelas palavras de conforto e toda ajuda que não foram poucas. Meus agradecimentos também se estendem à toda a minha família que sempre foram a minha base, principalmente ao meu pai que jamais soltou a minha mão, apesar de todas as dificuldades. Agradeço também ao meu amor, Rodrigo França por enxugar minhas lágrimas com tranquilidade nos momentos de desespero e por não deixar eu desistir quando pensei em jogar a toalha.

Minha gratidão à minha orientadora Michele Escoura é tão grande que nenhuma palavra que escrever aqui será suficiente para agradecer por todo apoio, compreensão e paciência nesse caminho que foi árduo, mas em nenhum momento ela duvidou da minha capacidade, caminhamos juntas até aqui.

Deixo aqui também meu muito obrigada ao meu companheiro de graduação e de mestrado Rodrigo Gabriel por todo o auxílio nesse processo, e da mesma forma agradeço ao meu grande amigo e “bombeiro acadêmico”, Ytallo Franco, por me socorrer nos momentos mais difíceis que passei na construção do meu texto. E não poderia esquecer de deixar meus agradecimentos à minha irmã de orientação Thais Costa por todo compartilhamento de conhecimentos e por todo apoio nos momentos mais difíceis.

Na minha estadia na Escola de Educação Básica Agropalma construí muitas relações já que precisava ficar alojada durante a semana, pois a Escola fica localizada em Tailândia-PA. Dessas relações, algumas irei levar na memória, assim agradeço “as meninas da casa 14”, Laís, Fabiana, Fátima, Kelly e Patrícia por toda força que me deram para vencer esse processo, também não poderia esquecer dos meus amigos, Marcos e Danivaldo, que nos momentos de tensão me tranquilizavam com suas graças, que só eles entendiam.

Agradeço também as professoras Luísa Dantas e Lara Facioli por suas contribuições para o melhor acabamento desta pesquisa e por terem feito uma leitura respeitosa e cuidadosa de todo o trabalho desenvolvido aqui.

Por fim, meus agradecimentos à CAPES pela concessão da minha bolsa de pesquisa que ajudou a concluir meu curso, agradeço também à Universidade Federal do Pará pelo auxílio concedido no período da pandemia para que eu pudesse adquirir meu computador e assim encerrar este ciclo.

Todas as pessoas aqui citadas e até as que não foram por minha falta de memória, contribuíram imensamente para que eu chegasse à realização deste sonho, a todos o meu MUITO OBRIGADA!

Dedico esta dissertação às mulheres da minha família, que me inspiraram a vida toda.

*Vou contar uma história
Falar de mulher guerreira
Seja negra ou Quilombola
De Mulher na Capoeira
Jeniffer Santos*

RESUMO

Os espaços em rede configuraram novas dinâmicas de sociabilidade, possibilitando o entrelaçamento de diferentes contextos histórico-sociais, uma multiplicidade de grupos, organizações e sujeitos com diferentes perfis de atuação e mobilização social e política, que atingiram novos patamares a partir dos contextos impulsionados pela pandemia da COVID-19, no ano de 2020. Foi neste cenário que a capoeirista paraense Sabrina Silva utilizou as lives no Facebook para difundir o movimento feminino da capoeira no Pará. Diante do exposto, o presente estudo objetivou analisar como a internet se tornou um *locus* de atuação política das mulheres capoeiristas durante a pandemia no ano de 2020, a partir do estudo de caso das *Lives* de Sabrina Silva. Para realizar as análises, adotamos a etnografia digital como método, ela é uma adaptação da análise etnográfica para o estudo de culturas on-line, visando explorar e expandir as possibilidades por meio do constante uso das redes digitais. Em relação ao arcabouço teórico, selecionamos, entre outros, autores que trabalham questões relacionadas à capoeira, como Nestor Capoeira (1999), Letícia Reis (2000) e Luiz Augusto Leal (2005); autores que discutem as relações de movimentos sociais na atualidade, como Manuel Castells (2014) e Maria da Glória Gohn (2011); autores que debatem questões de gênero, raça e classe, por exemplo, Anne McClintock (1995) e Kimberlé Crenshaw (2002); e teóricos que discutem a etnografia do digital, a saber, Beatriz Lins, Carolina Parreiras e Eliane Freitas (2020). Com isso, verificamos que as mídias sociais foram apropriadas por mulheres durante um período em que encontros físicos estavam suspensos, a fim de difundir uma luta tão importante para a construção da cultura brasileira, assim, evidenciando as relações de poder presentes na capoeira e suas possibilidades de expandirem as discussões sobre o tema e darem mais visibilidade a ele.

Palavras-chave: Internet; Capoeira; Gênero; Pandemia; Etnografia digital; Antropologia; Movimentos sociais.

ABSTRACT

Networked spaces have shaped new dynamics of sociability, enabling the intertwining of different historical-social contexts, a multiplicity of groups, organizations and subjects with different profiles of action and social and political mobilization, which have reached new heights from the contexts driven by the COVID-19 pandemic in 2020. It was in this scenario that capoeirista paraense Sabrina Silva used Facebook lives to spread the female capoeirista movement in Pará. In view of the above, this study aimed to analyze how the internet became a locus of political action for women capoeiristas during the pandemic in 2020, based on the case study of Sabrina Silva's Lives. To carry out the analysis, we adopted digital ethnography as a method, which is an adaptation of ethnographic analysis for the study of online cultures, aiming to explore and expand the possibilities through the constant use of digital networks, posting the material collected. With regard to the theoretical framework, we selected, among others, authors who work on issues related to capoeira, such as Nestor Capoeira (1999), Letícia Reis (2000) and Luiz Augusto Leal (2005); authors who discuss social movement relations today, such as Manuel Castells (2014) and Maria da Gloria Gohn (2011); authors who debate issues of gender, race and class, for example Anne McClintock (1995) and Kimberlé Crenshaw (2002); and theorists who discuss the digital ethnography, namely Beatriz Lins, Carolina Parreiras and Eliane Freitas (2020). As a result, it was found that social media was appropriated by women during a period when physical meetings were suspended, in order to spread a struggle so important to the construction of Brazilian culture, thus highlighting the power relations present in capoeira and its possibilities for expanding discussions on the subject and giving it more visibility.

Keywords: Internet; Capoeira; Gender; Pandemic; digital ethnography; Anthropology; Social movements.

RESUMEN

Los espacios en red han configurado nuevas dinámicas de sociabilidad, posibilitando el entrecruzamiento de diferentes contextos histórico-sociales, una multiplicidad de grupos, organizaciones y sujetos con diferentes perfiles de acción y movilización social y política, que han alcanzado nuevas cotas a partir de los contextos impulsados por la pandemia del COVID-19 en 2020. Fue en este escenario que la capoeirista paraense Sabrina Silva utilizó Facebook lives para difundir el movimiento de capoeira femenina en Pará. Teniendo en cuenta lo anterior, este estudio tuvo como objetivo analizar cómo internet se convirtió en un locus de acción política para las capoeiristas durante la pandemia de 2020, a partir del estudio de caso de las Vidas de Sabrina Silva. Para realizar el análisis, adoptamos como método la etnografía digital, que es una adaptación del análisis etnográfico para el estudio de las culturas en línea, con el objetivo de explorar y ampliar las posibilidades a través del uso constante de las redes digitales, publicando el material recogido. En cuanto al marco teórico, seleccionamos, entre otros, autores que trabajan temas relacionados con la capoeira, como Nestor Capoeira (1999), Letícia Reis (2000) y Luiz Augusto Leal (2005); autores que discuten las relaciones de los movimientos sociales en la actualidad, como Manuel Castells (2014) y Maria da Gloria Gohn (2011); autores que debaten cuestiones de género, raza y clase, por ejemplo Anne McClintock (1995) y Kimberlé Crenshaw (2002); y teóricos que discuten la etnografía digital, a saber Beatriz Lins, Carolina Parreiras y Eliane Freitas (2020). Como resultado, se constató que las redes sociales fueron apropiadas por las mujeres en un período de suspensión de los encuentros físicos, para difundir una lucha tan importante para la construcción de la cultura brasileña, evidenciando así las relaciones de poder presentes en la capoeira y sus posibilidades de ampliar las discusiones sobre el tema y darle mayor visibilidad.

Palabras clave: Internet; Capoeira; Género; Pandemia; Etnografía digital; Antropología; Movimientos sociales.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Um breve histórico da capoeira paraense.....	17
“Balança a roseira, tem mulher na capoeira!”: A presença feminina na capoeira paraense.....	18
Tema, objeto e problema de pesquisa	19
Método e universo de pesquisa	23
Estrutura	25
Capítulo 1. Entre o isolamento e o protagonismo das redes sociais no contexto da pandemia da Covid-19.....	27
1.1 O uso da internet no período da globalização e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's).....	27
1.2 As redes sociais como instrumento de sociabilidade e atuação política	29
1.3 Movimentos em rede e pandemia.....	31
1.4. Mulheres na capoeira e em rede	33
1.5 “Uma andorinha só não faz verão”	38
1.6 A luta continua	54
Capítulo 2: Filha de peixe, peixinho é?.....	56
2.1 A anfitriã	56
2.2 Live 1: Vivência do Mestre Walcir no Estado do Pará	59
2.3 O que faz e o que se herda.....	61
2.3 A live é a roda	63
Considerações finais.....	67
Referências	71

INTRODUÇÃO

A história da capoeira no Brasil remonta aos primeiros séculos de colonização no país, com a transferência forçada de grupos escravizados vindos da África, ainda no século XVI; os primeiros registros de escravos capoeiras dão conta de que, em sua maioria, vieram principalmente de Angola.

A capoeira foi trazida pelos escravizados que, ao chegarem ao Brasil, perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e repressão dos colonizadores. Os mesmos eram constantemente alvos de práticas violentas e castigos dos senhores de engenho. Quando fugiam das fazendas eram perseguidos pelos capitães-do-mato, que usavam na captura toda violência. A prática da capoeira ocorria em terreiros próximos às senzalas (galpões que serviam de dormitório para os escravos) e tinha como funções principais a manutenção da cultura, o alívio do estresse do trabalho e a manutenção da saúde (SOUZA, 2013).

O castigo dos açoites aplicado aos escravos capoeiras era executado pelas patrulhas policiais no momento da prisão. Em relação aos capoeiras presos, cuja condição jurídica era a de libertos ou de livres, a aplicação de sanções era dificultada pelo fato da prática da capoeira não ser considerada como um crime previsto por lei. Para puni-los, um dos recursos mais utilizados pelas autoridades policiais foi o recrutamento militar forçado.

Foi na segunda metade do século XVIII que as penas contra a prática da capoeira começaram a ser realmente violentas. Ao estudar documentos enviados ao Ministro da Justiça da época, Letícia Reis (2000) constatou o desespero das autoridades em reprimir a capoeira. Um fragmento da carta enviada pelo chefe de polícia do Rio de Janeiro, Euzébio de Queiroz, para o Ministro da Justiça constou:

Os capoeiras, que sempre mereceram aqui maior vigilância da Polícia, hoje infestam as ruas da cidade de um modo sobremaneira escandaloso, e não será fácil evitar as funestas consequências que daí resultam, enquanto a Polícia a respeito do escravos não for como antigamente autorizada a fazer castigar, sobre a mais formalidade de processo, aqueles que forem apanhados em flagrante (...) a petulância destes (capoeiras) tem chegado ao ponto de

apedrejar-se no Campo de Honra (hoje Campo de Santana) com manifesto perigo aos pacíficos cidadãos que por ali passavam. (REIS, 2000, p.27)

Com isso, os capoeiristas passaram a ser castigados em praça pública, sendo a imagem do castigo o principal objeto da repressão policial. Segundo Nestor Capoeira (1999) e Reis (2000), além das chibatadas, as pessoas escravizadas que eram capoeiristas eram enviadas a locais para realizarem trabalhos forçados. Contudo, o ponto forte da criminalização da capoeira foi o fato de que os negros soltos nas ruas começaram a organizar-se em bandos e, pouco antes da abolição e da instalação da República, as maltas no Rio de Janeiro se proliferaram.

Um episódio que precede a criminalização da capoeira é a prisão do temido Juca Reis, filho do Conde de Matosinho¹. Tal fato se tornou importante, pois mostrou que a capoeira já não era exclusiva das classes baixas e negras. Na época, Quintino Bocaiúva, Ministro das Relações Exteriores e amigo do Conde, tomou as dores e foi contrário à prisão do capoeira Juca Reis, batendo de frente com Sampaio Ferraz, que era chefe de polícia e inimigo dos capoeiras. O conflito entre Sampaio Ferraz e Quintino Bocaiúva abalou o regime e quase derrubou seu primeiro gabinete, pois o ministro ameaçava demitir-se, e a opinião pública estava atenta ao desfecho do caso (CAPOEIRA, 1999, p.51). Após muita discussão e conselhos do próprio Deodoro da Fonseca², o Ministro desistiu e prevaleceu o ponto de vista de Sampaio, e Juca Reis foi mandado para Fernando de Noronha para cumprir pena e em seguida foi deportado.

Fatos como este mostram que a capoeira não estava mais restrita a negros e pobres, estendendo-se a brancos e, até mesmo, àqueles pertencentes a grupos mais influentes. Reis (2000), ao fazer um estudo das prisões que aconteceram durante o século XIX mostrou que dentre os indivíduos presos por “capoeira” muitos pertenciam à classe de pessoas ricas do Rio de Janeiro.

Diante disso, houve a necessidade de acabar com a capoeira, pois a mesma se espalhava por toda a sociedade. Então, com a publicação do novo Código Penal, de outubro de 1890, a capoeira foi finalmente criminalizada. O Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 1890 (promulgado pelo Decreto nº 847 em 1890) explicava o que significava a prática da capoeira, em seu artigo 402, inserido no capítulo XII, intitulado “Dos vadios e Capoeiras”, como segue:

Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas

¹ Rico representante da colônia luso no Rio de Janeiro.

² Primeiro presidente do país após a proclamação da república.

ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal. Pena - prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único: é considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes e cabeças se imporá apenas em dobro. (BRASIL, 1890)

No Rio de Janeiro, no fim do século XIX, dois grupos de capoeiristas se destacavam: Nagoas e Guaiamuns. Os primeiros ligados aos monarquistas do partido conservador, que se concentravam nas periferias das cidades e os Guaiamuns ligados aos republicanos do partido liberal, localizavam-se na parte central da cidade. De acordo com Nestor Capoeira (1999), os grupos ou maltas guiados por chefes terríveis e temidos, muitas vezes, representaram o principal papel nas urnas eleitorais.

E é essa ligação entre capoeiras e políticos que os levou a serem um dos principais alvos de repressão policial nos primeiros tempos da República. Poucos meses após a abolição foi formada no gabinete conservador Treze de Maio, a Guarda Negra. Composta basicamente por capoeiras, que arrebanhavam negros libertos em prol da defesa da monarquia, representada pela figura da Princesa Isabel. “Criada por volta de 1888 para salvar a monarquia e lutar contra os republicanos (...), os capoeiras negros ‘manobrados’ para defenderem a Princesa Isabel que os libertou do cativeiro” (CAPOEIRA, 1999, p.42-43).

Ao contrário do que ocorreu em Pernambuco e no Rio de Janeiro, a capoeira baiana resistiu às duras perseguições. Segundo Capoeira (1999), em Salvador a fase mais característica da capoeira ocorreu por volta de 1920, com o famoso chefe de polícia Pedrito de Azevedo Gordilho, que perseguiu os capoeiras, assim como, o samba e os candomblés.

A descriminalização da prática só ocorreu na década de 30, em 1937. Atrelado a sua legalização, ocorreu um investimento do presidente Getúlio Vargas que, buscando apoio popular implantou ideais “Nacionalistas”, liberando uma série de manifestações populares, como o candomblé e a capoeira. Foi nesse momento que surgiu, na Bahia, Manoel do Reis Machado, o mestre “Bimba”, criando a “capoeira regional”, que conquistava cada dia mais adeptos e se encaixava perfeitamente nos ideais “Nacionalistas” de Vargas, principalmente por ser dita como uma “luta genuinamente brasileira” e por sofrer uma “adequação da linguagem particular da capoeira aos parâmetros da racionalidade” (Vieira, 1988). Assim, liberou-se a capoeira e o candomblé, mas somente em recinto fechado, o que fez surgir a primeira academia de capoeira, o Centro de Cultura Física, fundada por Mestre Bimba, onde viria a iniciar a graduação na capoeira para tentar equiparar a capoeira as outras lutas e para transformá-la em esporte, também dando uma postura menos maliciosa, utilizando uniforme e, assim, conquistando uma classe média para o novo “esporte nacional”.

Bimba também criou um ritual que hoje é muito usado por vários grupos de capoeira, o batizado, que serve como uma iniciação formal de um capoeirista, em que ele recebe sua primeira “graduação”, passo inicial para sua formação como professor, e o seu “apelido de capoeira”, nome pelo qual ele será conhecido no mundo capoeirístico. Abaixo demonstramos a graduação criada por Bimba para legitimar socialmente a formação do professor de capoeira:

- Lenço azul – aluno formado
- Lenço vermelho – contramestre
- Lenço branco – mestre

Atualmente, os grupos seguem vários tipos de graduações, inspirados nos mais variados elementos, como nas cores da bandeira do Brasil, dos orixás e até de elementos da natureza, como cinzas e terra. O tipo de graduação mais utilizado hoje foi criado pela Federação Brasileira de Capoeira³, que utiliza as cores da bandeira do Brasil e que demonstram a criação de subclasses de professores, fragmentando o conhecimento da capoeira, com a ideia de que a fragmentação melhora a apreensão do conhecimento:

- Cordão verde = iniciante
- Cordão verde e amarelo = iniciante
- Cordão amarelo = iniciante
- Cordão amarelo e azul = iniciante
- Cordão azul = aluno formado/professor formado
- Cordão Verde/Amarelo/Azul = contramestre
- Cordão Branco/Verde, Branco/Amarelo, Branco/Azul = contramestre
- Cordão Branco = mestre

Atualmente, há duas formas de o aluno receber a graduação: através do convívio direto e cotidiano com seu mestre, que observa a evolução dia a dia, ou pelo exame de cordão, quando o aluno é pedido a executar uma sequência de golpes que avaliarão seus dotes, como agilidade, malícia, técnica, entre outros.

A graduação seria mais um traço racionalizador inserido por Mestre Bimba para enquadrar a capoeira nos ideais da sua época, contudo, nos dias atuais essa graduação serve para mostrar em que nível de aprendizado o capoeirista está e, além disso, para perpetuar uma forte hierarquia na capoeira, influenciando os alunos que serão futuros professores a seguirem o caminho do mestre.

³ A Federação Brasileira de Capoeira foi a primeira instituição criada para organizar os primeiros campeonatos de capoeira no Brasil, divididos por idade, peso e graduação. Durante alguns anos, nas décadas de 70 e 80, esses campeonatos tiveram seu ápice. Na década de 90, houve um “ressurgimento” da capoeira angola e uma nova visão na didática da capoeira, o que fez esses campeonatos declinarem, à ponto de nem terem divulgação.

É importante também ressaltar aqui que, para Capoeira (1985), existem vários estilos de capoeira, mas os únicos formados com fundamentos são: a regional, de Mestre Bimba, e a Angola, de Mestre Pastinha, que inaugurou, na Bahia, sua própria escola, em 1941. Em seu livro *Capoeira Angola*, Pastinha (1988) afirmou que o nome Capoeira Angola é consequência de terem sido os escravos angolanos que mais se destacaram na sua prática.

Para Camila Firmino (2011), os dois estilos podem ser compreendidos como duas linhagens ‘fundacionais’. Contudo, apenas os/as pertencentes à capoeira angola utilizam o termo “linhagem” para definirem sua história. Esses dois estilos formaram-se de modo relacional, ou seja, um em oposição ao outro. Cada qual ressignificou a capoeira de acordo com certo conjunto de aspectos simbólicos disponíveis na sociedade vigente. Mestre Bimba almejava difundir a capoeira como arte marcial, para tanto, criou uma metodologia de ensino que poderia ser aplicada em diversos locais, como escolas ou quartéis. Mestre Pastinha, embora também houvesse sistematizado o ensino de sua capoeira, reivindicava para si o papel de guardião da tradição da capoeira.

Arelada à crítica de Pastinha, Natalia Puke (2018) afirmou que na medida em que a capoeira regional focaliza apenas os aspectos esportivos e marciais da prática, omite ou até exclui os elementos de matriz africana, contribuindo para um processo de desafricanização da cultura da capoeira. Do mesmo modo, provoca um apagamento da sua memória ancestral, e, inevitavelmente, a enfraquece ou elimina a dimensão ritualística da roda. Mas de acordo com capoeiristas do início o século XX, para que a capoeira fosse descriminalizada foi necessário colocá-la no sistema do imaginário nacional de formação do Brasil.

Um breve histórico da capoeira paraense

No estado do Pará, Luiz Augusto Leal, em sua obra “Capoeira, boi-bumbá e política no Pará republicano (1889 – 1906)”, publicada em 2005, afirmou que os primeiros anos republicanos se caracterizaram por intensa campanha contra a capoeira e a vadiagem, ou vagabundagem. E o período se trata da Belle Époque paraense, onde a ordem e os padrões europeus de convivência eram primordiais para as famílias. É importante ressaltar que ao denunciar a capoeiragem na cidade de Belém, os termos “vadiagem” e “vagabundagem” eram muito utilizados para se remeter aos capoeiras. Como neste trecho de um artigo no jornal *A Semana*:

O ilustre Sr. Chefe de segurança, desembargador Gomensoro, já reparou para a malta de vagabundos, que infesta a nossa capital? Depois daquele pequeno

pega-pega, ainda no tempo da monarquia, ninguém quis mais reparar nos vadios, bêbados de profissão, que se reúnem pelas tascas, a provocar desordens e a insultar a gente séria. Que proteção será essa? (A Semana, 19/03/1890, p. 2 apud LEAL, 2005, p. 243)

Esta denúncia foi feita em março de 1890, quando no mesmo período havia uma intensa caça aos capoeiras no Rio de Janeiro. Percebemos também nesta denúncia o ódio presente da população pela desordem que os “vadios, bêbados de profissão” ali faziam. E assim, a partir de sua árdua pesquisa através de várias fontes, como obras literárias, arquivos policiais, artigos publicados em jornais, periódicos da época, ele afirmou que a capoeira no Estado se desenvolveu desde a década de 20 do século passado.

Segundo Maria Zeneide Gomes (2017), apesar das comprovações científicas de estudiosos no Estado, muitos capoeiristas acreditam que a capoeira, de fato, se iniciou aqui na década de 1970, trazida por Mestre Romão e Mestre Bezerra, e, segundo ela, isso se deve à falta de conhecimento do passado da capoeira paraense e, inclusive, da participação feminina existente desde o século XIX, que por muito tempo foi ignorada.

“Balança a roseira, tem mulher na capoeira!”: A presença feminina na capoeira paraense

Em sua obra, “Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil”, publicada em 2009, os historiadores Luiz Augusto Leal e Josivaldo Pires Oliveira apontaram que a participação das mulheres na prática da capoeira vem sendo registrada desde o século XIX na cidade de Belém, bem ao lado dos homens, disputando o espaço das ruas.

O contexto da época era o da abolição da escravidão e da decadência da economia da borracha, no qual os papéis exercidos pelo que se entendia por “mulher” já estavam inclusos em determinado tipo de “programa social”, onde elas teriam que passar pelos estágios de filha, virgem, esposa e viúva. Como pode ser percebido no trecho abaixo, correspondente a uma parte de um artigo publicado em abril de 1898, em Belém do Pará, no *Diário de Notícias*:

[...] a mulher é formosura que em tudo sofre a caridade que tudo cura, a fé que comunica perpetuamente com o céu, a virtude benéfica, a santa poesia do lar, o anjo que se inclina sobre o berço e sobre o leito da dor, e deposita com suas lágrimas o orvalho do céu em nossa vida, o espírito de ordem, de economia, e de consolação de todas as dores, o sorriso celeste, o bálsamo que tira todo o veneno às feridas da existência, a oração que de contínua levanta a família a Deus, e enche de harmonia e virtude todo o lar, é o pensamento e o amor, a razão e a fé, a ciência e a poesia. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 14 abril. 1898. P.1. *Sob a epígrafe A família* apud OLIVEIRA et. al 2009, p. 139).

Qualquer mulher que fugisse desse programa era vista como desordeira pela sociedade. Muitos artigos de jornais da época retratavam os ditos “maus comportamentos” de mulheres, incluindo as praticantes de capoeira; os já citados comportamentos também podem ser encontrados em produções literárias, como se nota no trecho abaixo, retirado da obra *Belém do Grão Pará*, do autor paraense Dalcídio Jurandir:

[...] e avançando pelo beco, deu com aquela mulher escura, magra, descabelada que gesticulava e distratava. Logo aparecia outra, meio velhusca, que tentava acalmar a magra, nas boas palavras, nos bons modos. Qual! A descabelada passou a saltar na frente da outra como jogador de capoeira. E não é que de repente levanta o vestido sujo e roto, que era a sua única roupa? Tropeçou, caiu, se ergueu, ligeira, para fazer o mesmo cinema, repetidamente [...] (JURANDIR, 1960, p. 36 – 37).

Esta obra de Jurandir (1960), ambientada na Belém nos anos de 1920, narra a história da família Alcântara, que, após a queda do Senador Lemos, precisou abdicar da sua vida de luxos obtidos graças ao ciclo da Borracha. Jurandir mostrou como era retratada a mulher flagrada lutando capoeira: com adjetivos como “escura, magra, que gesticulava e destratava”, palavras escritas com o propósito de gerar no leitor uma repulsa por mulheres que praticavam essas “más índoles”.

Segundo Oliveira e Leal (2009), a visibilidade da mulher capoeira em Belém, no século XIX, por meio dos artigos de jornais e outros documentos, mostra a mulher não apenas destinada à reprodução, mas como sujeito histórico, ativo e reflexivo, que se destacava nos jornais como um modelo proibido, que não deveria ser seguido pelas de “boa família”. Isto revela como elas possuem uma historicidade com relação às ações cotidianas, aos posicionamentos políticos, às relações entre os sexos e as múltiplas dimensões da realidade histórica e social.

Tema, objeto e problema de pesquisa

A assimetria entre homens e mulheres nas rodas de capoeira não é uma questão contemporânea. Desde muito tempo, o papel exercido pela mulher nessa prática é secundário: se restringia a cantar ou bater palmas. Em relação ao canto, a voz masculina e os instrumentos abafam a voz feminina, reprimindo as mulheres presentes nas rodas. Hoje, a mulher ocupa as rodas e luta a capoeira assim como os homens, mas ainda há relações de poder, e quem conduz e dita as regras na roda são os homens. Para compreendermos a subordinação de mulheres na

capoeira precisamos entender quais relações são essas por meio das quais uma mulher se torna uma mulher oprimida.

A antropóloga e militante feminista estadunidense Gayle Rubin apontou a existência de um “sistema sexo-gênero”, que ela definiu como: “os arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana” (1975, p. 11). O conceito de gênero se desenvolveu no marco dos estudos sobre mulher, mas, a partir dos estudos de Rubin, houve a distinção do conceito de gênero e mulher.

Hoje a presença das mulheres deixou de ser vista como novidade nos grupos de capoeira e nas rodas, por isso, elas lutam contra as relações de poder para que possam ser percebidas como sujeitos e não mais como objetos secundários, muitas vezes, percebidas apenas como “a mulher por trás do homem”. O fato das capoeiristas representarem atualmente boa parte dos praticantes de capoeira, indica que tanto os grupos, Mestres, e Contra-Mestres não podem ignorá-las, ou mesmo reduzir seus papéis na participação das práticas e atividades dessas organizações.

É importante salientar que a invisibilidade da mulher na capoeira não se dá isoladamente, como uma consequência apenas das desigualdades de gênero. Ao contrário, para falar sobre mulheres na capoeira, uma prática cultural, historicamente atrelada à presença da ancestralidade negra no Brasil, o conceito de gênero não é suficiente, é preciso se pensar em categorias de articulação. Kimberlé Crenshaw (2002) usa o termo interseccionalidade para explicar a intersecção de duas ou mais formas de subordinação. A autora utiliza a metáfora das avenidas, onde cada avenida é um eixo de subordinação e que, em determinado momento, esses eixos se cruzam, e a mulher negra se encontra exatamente no meio deste cruzamento. Já Anne McClintock (1995) percebeu que os eixos de subordinação não existem separados, mas articulados entre si. Sendo assim, gênero, raça, classe e outros marcadores podem e devem ser discutidos conjuntamente, como categorias de articulação.

Como exemplo da assimetria entre homens e mulheres nas rodas de capoeira, no Estado do Pará não existia Mestra de capoeira até 22 de novembro de 2016. Em uma roda de conversa realizada no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional sobre gênero na Capoeira, Rosângela Costa Araújo (Mestra Janja)⁴ nomeou a idealizadora do Movimento Capoeira Mulher, Silvia Maria Santana Leão, como a primeira Mestra do Pará.

⁴ 3ª Mestra mulher de capoeira nomeada no Brasil, uma das fundadoras do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho na Bahia em 1982. Possui graduação em História pela UFBA, mestrado e doutorado em educação pela USP.

O Movimento Capoeira Mulher

O Movimento Capoeira Mulher foi idealizado em 2002, por Silvia Leão, que era conhecida pela alcunha de “pé de anjo”, devido ao tamanho de seus pés, conforme foi relatado por Cristiane Silva por áudio no *Whatsapp*⁵, entretanto, apesar do apelido evocar delicadeza, dentro da roda “pisava era forte”.

Para a formulação do projeto escrito do Capoeira Mulher, Silvia recebeu a ajuda de Cristiane Silva e Karen, suas colegas do grupo Dandara Bambula. Teve também a ajuda de sua irmã, que na época coordenava o mandato da vereadora Sueli Oliveira, do Partido dos Trabalhadores (PT), o que lhe conferia a experiência administrativa que lhe permitiu auxiliar na escrita do projeto e a organizar os encontros que passarem a acontecer. Já que visitar outros grupos não era visto como “coisa de mulher”, Silvia, Karen e Cristiane passaram, então, a visitá-los, muitas vezes, escondidas de seu Mestre.

Quebrando diversas barreiras, começaram a falar com outras mulheres de outros grupos e com seus Mestres, explicando os objetivos de seu projeto a fim de convencê-los a “liberarem” as meninas para a participação, tanto do Movimento, quanto da roda do dia internacional da mulher, que seria realizada no dia 10 de março de 2002. Dessa maneira, ganharam força e a confiança de mulheres e Mestres. Durante essa caminhada, conheceram também Jennifer Santos (Margarida), do Centro Cultural de Capoeira Raízes do Brasil, que logo se juntou ao Movimento, porém não podia acompanhar as outras integrantes nas visitas aos grupos por ter filhos e família, o que tomava parte de seu tempo. No batizado do grupo Dandara Bambula, conheceram Erica Silva (Catita), até então a única professora de capoeira da qual tinham conhecimento, a convidaram e todas juntas construíram o projeto, tornando-se suas idealizadoras e pioneiras.

Os objetivos do movimento, desde o seu nascimento, sempre foram embasados na organização das mulheres praticantes do Estado do Pará, estimulando o intercâmbio entre grupos e o reconhecimento de Mestres e Mestras, professores e professoras, todos que usam a capoeira como ferramenta educacional. O Movimento também trouxe como pautas o desenvolvimento da organização feminina e a união destas às crianças e jovens contra a violência sofrida por crianças e mulheres, seja ela física ou verbal. Consequentemente, o projeto desenvolve trabalho no combate ao machismo, trabalhando a autoestima e defesa pessoal.

A fim de colocar estes propósitos em prática, as integrantes realizam suas atividades da seguinte forma: em um primeiro momento, são identificadas as dificuldades presentes nos

⁵ Relato cedido a mim durante minha pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso. Cristiane era amiga de Silvia e uma das fundadoras do Movimento.

grupos com os quais trabalham para que, a partir disso, sejam realizadas apresentações das rodas femininas e do Maculelê, com o intuito de resgatar a origem da capoeira. Desta forma, é realizada a integração das participantes para que as questões de autoestima e valorização das mulheres, bem como o estabelecimento da confiança das capoeiristas sejam conquistadas⁶.

Com esse trabalho, muitas barreiras sobre a presença e participação feminina na capoeira foram e continuam sendo quebradas. Com o intuito de saber se o trabalho realizado com os grupos foi válido ou não, surgem os encontros de capoeiristas organizados pelo movimento.

Os encontros são marcados por rodas de capoeira, oficinas e debates sobre a participação feminina na capoeira do Estado. Não participam somente mulheres, mas todos os capoeiristas que se interessarem pelo evento.

A partir de dados coletados durante a pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso de graduação, em 2017, uma das interlocutoras afirmou que com a fundação do Movimento, o retorno recebido com este trabalho não foi financeiro, mas social. De que forma? Primeiro unir mulheres que eram rivais, pois seus grupos também eram rivais, unir mulheres que não se toleravam nas rodas. O movimento mostrou que é possível lutar pelo mesmo ideal sem desrespeitar a hierarquia da capoeira, que é possível lutar juntas pelo respeito e reconhecimento da mulher.

Outro ponto que o trabalho do Movimento conseguiu realizar foi fazer com que as mulheres na capoeira conseguissem se impor e falarem o que pensam. Esse exercício é feito nos próprios eventos do Capoeira Mulher. Hoje, ao menos nos eventos, as mulheres conseguem comandar os instrumentos, coisa que não era feita em seus grupos de origem. As mulheres, hoje, conseguem escrever músicas e realizar eventos que visam promover a igualdade de gênero.

Segundo relatos das interlocutoras as mulheres tinham que sair da capoeira quando ficavam grávidas, hoje já conseguem trazer os filhos para a capoeira. Como é o caso de uma capoeirista que durante meu período de pesquisa fazia questão de publicar em suas redes sociais imagens dela com seu bebê de colo nas rodas de capoeira.

Outra interlocutora também mencionou que as mulheres que passaram pelo movimento e que não jogam mais capoeira, ainda levam o aprendizado, elas carregam consigo uma bagagem que foi construída pela experiência deste projeto.

⁶ O Maculelê é expressão teatral que conta através da dança e de cânticos, a lenda de um guerreiro, que conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando dois pedaços de pau, tornando-se o herói da tribo.

O movimento na pandemia da Covid-19

No ano de 2020, devido à pandemia da Covid 19, mulheres capoeiristas precisaram se reinventar utilizando a internet como meio de visibilidade e organização política da prática feminina na capoeira. Um exemplo foi o trabalho realizado por Sabrina Silva, participante do Movimento Capoeira Mulher, que durante a pandemia realizou uma série de 60 *lives*⁷.

É importante entender que em meio à pandemia vários movimentos sociais utilizaram as *lives* para diminuir o isolamento, a fim de conectar pessoas através desse mecanismo de interação. Para Sabrina não foi diferente. Em uma entrevista inicial, ela contou que idealizou as *lives* como uma forma de conectar capoeiristas do mundo todo, para que pudessem interagir e aprender umas com as outras, assim como na roda de capoeira. E, daquela conversa, se delinearam algumas das questões que se tornaram centrais para o desenvolvimento desta pesquisa: como foi o processo de Sabrina perceber a internet como campo de atuação? Qual o efeito da internet na organização das ações políticas?

Diante dessas inquietações esta pesquisa tem se centrado na análise da internet tornada como território de atuação política das mulheres capoeiristas durante a pandemia, no ano de 2020, a partir do estudo de caso das *Lives* de Sabrina Silva.

A primeira *live* teve como entrevistado o Mestre Walcir, seu pai, e teve como título “Vivência do Mestre Walcir no Estado do Pará” e seu trabalho teve grande notoriedade entre praticantes de capoeira, por este motivo este universo me pareceu extremamente instigante para elucidar como a internet pode ser um espaço de atuação política.

Método e universo de pesquisa

Para realizar esta pesquisa adotei uma estratégia chamada etnografia digital, que é uma adaptação da análise etnográfica para o estudo de culturas online. Conforme as discussões de Fragoso, Recuero e Amaral (2011), a etnografia digital seria explorar e expandir as possibilidades através do constante uso das redes digitais.

Devido ao que vivemos hoje, as situações de mudança e adequações colocadas pela pandemia, o digital é peça fundamental neste processo. Quando ingressei no mestrado, havia medidas de restrição de circulação de pessoas, muitas pesquisas como a minha passaram a ser

⁷ Transmissões ao vivo pelas redes sociais.

realizadas por meios digitais e alguns pesquisadores foram obrigados a enfrentar novas questões, pertinentes a esse campo, e à busca de entendimento das próprias tecnologias e ambientes online, para além de sua mera instrumentalização como ferramenta de pesquisa. Mesmo como ferramenta, foi preciso pensar sobre elas, construir delas uma compreensão quanto ao seu papel, e até mesmo olhar o digital como um objeto de pesquisa.

Segundo Lins, Parreiras & Freitas (2020), desde seu surgimento e sua posterior popularização, a internet desperta o interesse de pesquisadores/as em diferentes campos disciplinares. Nas Ciências Sociais, e especificamente na Antropologia, tal interesse foi sendo formatado, desde a década de 1990, em um campo prolífico e robusto de estudos que tomam como foco a internet ou que dela se valem como ferramenta de pesquisa. Temos hoje a legitimação de um subcampo chamado, seguindo a inspiração de Miller e Horst (2012), de “antropologia digital”.

O que chamamos aqui de digital se refere a um conjunto heterogêneo e bastante amplo de objetos, ações e relações sociotécnicas que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana, modulada por marcadores sociais de classe, gênero, idade, raça, sexualidade, dentre outros. Já se tornou lugar comum entre estudiosos/as da Antropologia e das Ciências Sociais a afirmação de que não existe apenas uma internet para todos e todas, não existe apenas um Facebook ou um YouTube, pois, como pesquisadores/as, precisamos investigar como diferentes sujeitos ou grupos sociais se apropriam, vivenciam e conferem sentido a esses dispositivos tecnológicos, que são, como toda tecnologia, intrinsecamente sociais. (LINS, PARREIRAS & FREITAS, 2020, p. 2)

Outra questão importante sobre o campo é a pesquisa *online* e pesquisa *off-line*. A partir das reflexões de Miller & Slater (2012), a etnografia não deveria ser meramente reduzida à experiência de estar *on-line*. Uma abordagem etnográfica da Internet deveria incluir seguramente pesquisas *on-line* e *off-line*.

Tom Boellstorff (2008), por sua vez, concorda apenas parcialmente. Segundo o autor, o argumento de que é preciso estudar também o *off-line* para fornecer à pesquisa um contexto, presume que os ambientes online não sejam eles mesmo um contexto. Assim, o autor acredita que seja possível realizar observações apenas *online*, já que este universo teria sua própria autonomia. Os limites e as relações entre o *on* e o *off* não podem ser apriorísticos, mas definidos pelo próprio campo.

Além disso, é importante ressaltar o limite do *Estar Lá*. Clifford Geertz (2005) discutiu como as relações presenciais entre antropólogo/a e nativos/as inevitavelmente influenciam não apenas o trabalho de campo, mas muito particularmente a escrita antropológica, é como se a

experiência de “estar lá” se realizasse única e exclusivamente através das relações recíprocas unicamente entre pessoas, sejam elas habitantes de cidades, florestas tropicais ou ilhas.

Mas segundo Leitão & Gomes (2011) isso não ocorre numa antropologia digital, onde a centralidade dos humanos se encontra profundamente desestabilizada, ou seja, a presença humana não é mais direta, mas materializada ou visível apenas por outras formas, e completamente fundida a outras formas de presença igualmente postas em evidência: máquinas, objetos técnicos e tecnologia que, para pesquisar, precisaremos aprender a manipular. Se tratando de uma antropologia da e na Internet, a tecnologia digital é tanto o meio de transporte que executa a viagem quanto o ambiente no qual o campo acontece.

A partir das reflexões metodológicas citadas fiz uma análise de caso a partir das *lives* apresentadas por Sabrina Silva entrevistando mulheres capoeiristas, decidindo realizar a pesquisa totalmente online. Selecionei então cinco *lives* para produzir a análise, dentre elas estão:

Data	Convidado (a)
17/05/2020	Mestre Walcir
09/06/2020	Instrutora Margarida
15/06/2020	Mestra Catita
02/07/2020	Treinei Leca Marinho
02/07/2020	Formada Donzela
15/07/2020	Treinela Darcica

Selecionei a *live* do Mestre Walcir porque além de ser a primeira do projeto, contou com a participação da referência de personagem na capoeira para a Sabrina. A Instrutora Margarida é uma das fundadoras do Movimento Capoeira Mulher. A Treinela Leca Marinho é pesquisadora de capoeira, lésbica e angoleira⁸. A Formada Donzela é uma capoeirista e mulher transexual. Por fim, a Treinela Darcica é também pesquisadora de capoeira e angoleira.

Estrutura

O primeiro capítulo apresenta uma discussão sobre a maneira que a apropriação social da internet a partir das redes sociais possibilitaram o desenvolvimento de estratégias de sociabilidade e disputas políticas na atualidade, sendo impulsionadas no contexto de isolamento com a pandemia da Covid 19. Primeiramente, apresento um panorama sobre o uso da internet no período informacional e como as novas Tecnologias de Informação e Comunicação se

⁸ Quem pratica capoeira angola.

transformaram em instrumento de sociabilidade e atuação política para os movimentos sociais ao longo da história, posteriormente discuto neste capítulo como que o contexto de pandemia da covid-19 se tornou propício para a organização e atuação de movimentos sociais através de espaços virtuais, como foi o caso das *lives* produzidas por Sabrina durante este período. Apresento a análise das *lives* de Sabrina que trazem histórias de mulheres plurais que, ao contrário de Sabrina, não são filhas de Mestres, mas que também disputam espaços de poder e centralidade na prática da capoeira para que cada vez mais a voz ativa das mulheres seja respeitada.

No segundo capítulo, trouxe um debate sobre parentesco, iniciações e hierarquias, a partir da análise da entrevista de Sabrina Silva cedida a mim durante a pesquisa, onde ela falou sobre sua trajetória na capoeira, extremamente ligada ao pai e Mestre, e como ele a ensinou os saberes e valores presentes na capoeira para que hoje eles possam trabalhar juntos na luta contra a desvalorização desta prática a partir de ações sociais realizadas por eles no estado do Pará. Posteriormente apresentarei como a tradição da capoeira trazida por Sabrina nas *lives* que ela produziu reflete a desigualdade de gênero que é fundamentada na hierarquia da prática e que acaba silenciando suas próprias interlocutoras, mostrando que a luta pela visibilidade feminina na capoeira é travada dentro de uma prática que tem por fundamento a própria desigualdade.

Capítulo 1. Entre o isolamento e o protagonismo das redes sociais no contexto da pandemia da Covid-19

1.1 O uso da internet no período da globalização e as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's).

A partir da segunda metade do século XX grandes transformações nos sistemas técnicos, científicos e epistemológicos são percebidas e passam a estar, cada vez mais, atreladas às bases materiais sobre as quais as sociedades humanas trabalham e agem em suas diversas formas de produção, alterando significativamente quadros sociais e mentais dos indivíduos e/ou das coletividades, sendo evidenciadas e abordadas de maneira crítica nos trabalhos de importantes pensadores das ciências humanas e sociais.

Em Santos (1994) é possível apreender a nova dimensão espacial e as factuais modificações que os sistemas técnicos criados na era informacional impuseram às concepções mundiais na década de 90, mesmo que, contraditoriamente, possuam uma distribuição geográfica irregular e seus usos sociais ainda estejam condicionados por estruturas hierárquicas de poder. Para o autor:

Pela primeira vez na história do homem, nos defrontamos com um único sistema técnico, presente no Leste e no Oeste, no Norte e no Sul, superpondo-se aos sistemas técnicos precedentes, como um sistema técnico hegemônico, utilizado pelos atores da economia, da cultura, da política. Esse é um dado essencial do processo de globalização (SANTOS, 1994, pág. 41-42)

Essas transformações são frutos do artifício do modo de produção capitalista na era das revoluções tecnológicas informacionais, que engendram, ao longo do tempo, a necessidade dos progressos técnicos e a lógica da aceleração contemporânea como condição inerente ao desenvolvimento da humanidade.

Em termos semelhantes, Ianni (1998) argumentou que a tecnificação das formas sociais de vida e trabalho, produção e reprodução cultural e espiritual, espalham-se por todos os lugares e recantos do mundo, ainda que de maneira contraditória e não homogênea. A razão instrumental do uso das técnicas por meio do advento das tecnologias, entre estas as informacionais, funda ações e relações, processos e estruturas. O autor argumentou sobre esses processos de entendimento da globalização quando expôs que:

Todas as realidades sociais, desde o indivíduo à coletividade, ou povo, tribo, nação e nacionalidade, assim como corporação transnacional, organização multilateral, partido político, sindicato, movimento social, corrente de opinião, organização religiosa, atividade intelectual e outras, passam a ser influenciadas pelos movimentos e pelas configurações do globalismo, e a influenciá-lo (IANNI, 1998, p.2.)

Essas diferentes realidades sociais citadas pelos autores elucidam que as diferentes articulações, integrações, tensões e contradições que se intensificaram com a nova era que denominam de “globalismo” exige do fazer científico um olhar reflexivo sobre a dialética entre as tecnologias e as novas formas de comunicação enquanto produtoras e produto da realidade histórico-social dos sujeitos.

Nesse sentido, com o avançar dos processos de transição tecnológica, a comunicação na era digital ganha ainda mais amplitude, Castells (2013) analisou as dimensões comunicacionais a partir das novas configurações de redes, que são simultaneamente globais e locais, genéricas e personalizadas, e que, acima de tudo, atuam em constante mudança, dentro de um sistema de significados diversos e simbólicos que dependem amplamente das mensagens e estruturas elaboradas, formatadas e difundidas em redes de comunicação multimídia. Para o autor, o potencial de transformação do ambiente comunicacional nos últimos anos constrói novas relações de poder, por meio do que o autor compreende como a emergência da “autocomunicação” em massa, dessa forma ele argumentou que:

É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes [...]. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada (CASTELLS, 2013, pág. 15).

Com isso, os sujeitos da comunicação dispõem de maiores ferramentas interativas, que permitem maiores direcionamentos e significações do que se comunica, segundo objetivos de comunicação específicos, o autor complementou, ainda, dizendo que “A autocomunicação de massa fornece a plataforma tecnológica para a construção da autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade” (ibid.). Para Castells, as redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar e coordenar ações de forma amplamente desimpedida.

Desse modo, as novas plataformas tecnológicas de comunicação, compreendidas também como Novas Tecnologias da Comunicação e da Informação (NTICs), abrem um novo caminho de possibilidade de construções coletivas contra hegemônicas, através dos movimentos sociais que exercem uma comunicação autônoma e livre do controle institucional das grandes organizações. É justamente nessa capacidade de organização de sujeitos coletivos no domínio das NTICs que Alcântara (2016) visou contribuir com análises que buscam compreender como a utilização da comunicação digital vem alterando as dinâmicas da ação

coletiva e dos movimentos sociais, se tornando assim uma questão importante para os sujeitos que constroem seus movimentos, e engendrando desafios ao campo científico na contemporaneidade.

Em vista disso, Alcântara (2016) destacou pelo menos dois principais desafios que nos coloca frente a essas novas dinâmicas. O primeiro deles se situa na necessidade de pensar as relações entre a organização coletiva e as tecnologias, pautando as suas realidades de lutas específicas, que se situam no tempo e no espaço. O segundo desafio sendo o de ultrapassar concepções generalizantes, que associam automaticamente as organizações em rede como movimento horizontal espontâneo e sem lideranças.

Assim sendo, esses pontos levantados por Alcântara (2016) ajudam na reflexão a respeito de como as organizações coletivas se atuaram no período da pandemia da Covid-19, de que maneira foram construídas novas configurações comunicativas de movimentos sociais tradicionalmente espacializados em frentes territoriais de atuação política nas cidades, que dentro desse contexto histórico específico foram privados por questões sanitárias, sendo forçados a reestruturar suas práticas cotidianas de comunicação através do ciberativismo mediado pelas ferramentas de NTICs e pelo contato digital entre os sujeitos, outros grupos e a sociedade. É nesses novos processos impostos pelas condições sociais da pandemia, que novos padrões de confronto, temporalidades e espacialidades se estabeleceram para muitos movimentos sociais, gerando assim a possibilidade de analisar novas subjetividades políticas.

1.2 As redes sociais como instrumento de sociabilidade e atuação política

Ao longo da história, os percursos dos movimentos sociais foram marcados por lutas populares embasadas por ações coletivas visando os interesses comuns dos indivíduos, como a formação de sindicatos, por exemplo, criando assim redes de solidariedade. Como apontou Jorge Alberto S. Machado (2007), antes dos anos 70 era corriqueiro atrelar a atuação dos movimentos sociais à luta de classes que se desenrolavam com a ascensão do sistema capitalista, porém, segundo o autor, essa teoria foi se desmanchando na medida em que foi-se tendo conhecimento da existência de outros movimentos que estavam lutando por diferentes demandas pelo mundo, como os movimentos feministas, ambientalistas, de pessoas negras e outros.

Segundo Manuel Castells (2014), a atuação dos movimentos sociais geralmente se dá através de tensões, desconfiança e descontentamentos que esses indivíduos possuem com as instituições políticas que deveriam administrar a sociedade e os forçam a fazerem reivindicações derivadas de seus descontentamentos de caráter sociopolítico e cultural frente às ações do Estado. Percebe-se assim, que a existência dos movimentos sociais influencia na construção de atividades coletivas, moldando as ações de atores sociais e, assim, despertando um sentimento de identificação e representação afirmados através de discursos e práticas, que projetam uma sensação de pertencimento social nesses indivíduos (GOHN, 2011).

Com o avançar da tecnologia, foram surgindo novas formas de organização para os movimentos sociais que foram fortalecidos pelas plataformas virtuais e o ativismo dos seus agentes em rede, já que se passou a existir uma mídia capaz de mobilizar seus usuários a refletirem sobre problemas sociais, transformando as redes sociais virtuais em protagonistas do ativismo online, chamado por alguns teóricos de *ciberativismo*.

O surgimento desse *ciberativismo* deu voz e uniu pessoas comuns, em rede virtual e, conseqüentemente, em manifestações de rua, permitindo que os agentes sociais assumissem novamente o papel de atores políticos da sociedade e possibilitando uma extensão mundial dos movimentos sociais. De acordo com Castells (2014), os movimentos sociais do nosso século “são conectados de múltiplas formas”, utilizando redes sociais *online* e *offline*, através de redes sociais já formadas anteriormente e também por aquelas formadas durante a atuação do movimento.

Mas apesar desses movimentos se conectarem nos espaços virtuais, nada os impede de estenderem sua atuação para os espaços *off-line*; Castells chama essa mobilidade de *espaço de autonomia*, identificando um terceiro espaço de atuação política desses movimentos, um espaço híbrido, que na realidade é como as relações sociais são construídas atualmente, onde mesmo quando estamos conectados nos espaços virtuais não nos desvinculamos do offline e vice-versa, vivemos entrelaçados por relações on-off.

Com a existência dos espaços virtuais, os movimentos se tornaram virais (Castells 2014) já que os movimentos do mundo inteiro, apesar das diferenças, possuem a possibilidade de se mobilizarem e de despertar nos atores um sentimento de esperança e de força na busca de um mundo melhor, assim também a dimensão desses movimentos são incalculáveis, já que de locais eles podem se tornar mundiais, e de centenas podem se tornar milhares em questão de segundos.

A forma de organização em redes permite, a partir de apenas alguns pontos nodais, integrar ou conectar redes imensas e diversas. Essas grandes redes de movimentos que se têm articulado pela web nos últimos tempos representam, de alguma forma, o futuro dos movimentos sociais e da ação coletiva? A complexidade de tais conexões não foi ainda suficientemente estudada, mas, provavelmente, tais características representariam um marco de mudança de atuação dos movimentos sociais. (MACHADO, 2007. p. 270)

Estas novas ações coletivas somadas à utilização dos instrumentos virtuais têm permitido a construção de novos atores sociais que surgem e se firmam em redes e sub-redes menores, seguindo uma lógica formadora de identidades, valores e ideologias, que quando conectados se encorajam, através de laços de solidariedade, mas também é importante salientar que a formação de redes também pode expelir a participação de outros indivíduos, aqueles que não se identificam com a atuação de determinado grupo.

Segundo Scherer-Warren (2006), é necessário se atentar para o fato que em movimentos sociais pode-se encontrar disputas de poder, pois mesmo em círculos de poder mais democratizados, pode ter um indivíduo com mais poder de decisão ou influência no grupo. Sendo assim, percebe-se que as relações de poder podem se dar de acordo com a estrutura, intensidade e tipos de participação dos atores na rede.

Por fim, é necessário salientar que o ciberespaço não se tornou apenas um instrumento fundamental para a organização e articulação dos movimentos sociais, mas também possibilitou a criação de novos movimentos, novas formas de atuação, assim como a utilização desse espaço para disputas políticas e de poder, e tudo isso independente de aproximação geográfica.

1.3 Movimentos em rede e pandemia

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre ocorrências de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, localizada na República Popular da China. Se tratava então de uma nova cepa de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Devido ao aumento de casos, em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional, e em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia⁹.

⁹ Segundo a Organização Pós-Americana da Saúde, o termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconheceu que existiam surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

A medida adotada pelo governo chinês em Wuhan e em outras cidades da China, de impor um confinamento, conhecido como lockdown, foi uma prevenção à epidemia pelo novo coronavírus e influenciou outros países a fazerem o mesmo quando ela se tornou pandemia, como foi o caso do Brasil, que instaurou o isolamento social em 13 de março de 2020, pelo Ministério da Saúde que regulamentou as medidas de isolamento e quarentena que deveriam ser adotadas pelas autoridades sanitárias naqueles pacientes que estavam com suspeita ou infectados pela COVID-19.

Os pacientes com suspeita deveriam ficar isolados em hospitais ou em suas residências pelo período de 14 dias, que poderia ser estendido por igual período se constatada a necessidade após exame laboratorial, e os pacientes infectados deveriam ser submetidos à quarentena que era adotada pelo prazo de 40 dias. Além do *lockdown*, onde as pessoas deveriam ficar isoladas em suas casas com saídas restritas, outras medidas preventivas foram solicitadas pelas autoridades sanitárias, como a utilização de máscaras e álcool em gel pela população geral.

Devido à essas medidas protetivas, o Estado utilizou-se da política do biopoder ao controlar não somente a circulação de pessoas, mas queria controlar o corpo desses indivíduos e como as ações dos movimentos sociais eram pautadas em lutas diárias nas ruas, e no diálogo entre corpos, essas ações foram diretamente impactadas pela pandemia. Porém, mesmo antes dela o movimento de rua já estava reduzido, sendo um dos prováveis fatores a presença em massa das pessoas nos espaços virtuais.

O corpo tem uma função política muito importante nos movimentos de reivindicação e é indispensável na construção de autoridade e na ocupação de espaços (Coelho e Vítora, 2017). Além disso, o corpo nas ruas é um forte exemplo de ativismo desses movimentos pois é um método de tornar pública suas reivindicações.

Porém, apesar desse cenário que se deu principalmente no início da pandemia, alguns movimentos sociais continuaram suas lutas, como, por exemplo, os protestos de camponeses e indígenas na Bolívia, no ano de 2020, contra atos de violência de agentes do Estado que visavam políticos da oposição e jornalistas no período de eleições. No mesmo ano, houve também a aprovação de uma reforma constitucional no Chile que foi motivada por uma série de manifestações no país. Na Argentina, milhares de mulheres portando lenços verdes protestaram a favor dos direitos reprodutivos das mulheres. Assim como também nos Estados Unidos, a

chamada Black Lives Matter ganhou mais força após o assassinato brutal de Georg Floyd e derrotou o ex-presidente Donald Trump durante as eleições do país.¹⁰

Esse aumento de lutas travadas em meio à pandemia, mesmo com uma série de restrições, se deu ao fato do alastramento de diversas crises mundiais nas últimas décadas relacionadas tanto às questões de desigualdade social, mudanças climáticas, como também o crescimento do conhecido etnocentrismo em nível global (MARQUES & MENDES 2023). Mas é preciso destacar que foi graças ao instrumento da internet que muitas causas tiveram alcance mundial, já que o *lockdown* era uma realidade de muitos países.

A Pandemia da Covid-19 foi um contexto político favorável a atuação desses movimentos virtuais, já que como foi mostrado anteriormente, a base estrutural de todo movimento social é a construção coletiva, e a pandemia tomou um papel de realçar o sentimento de comunidade entre os indivíduos, porém destacou também a presença de nichos sociais já que algumas pessoas correm mais riscos do que outras, como observou Boaventura de Sousa Santos, a pandemia da Covid-19 “não é cega, nem democrática” (Santos, 2020), elucidando a desigualdade social neste cenário.

A construção de redes de solidariedade em meio à pandemia também foi algo estritamente necessário para a manutenção do ativismo social desses movimentos. Esse sentimento de solidariedade foi o que fez Sabrina encontrar uma saída para continuar sua atuação política construída ao lado de mulheres na capoeira, mas que devido ao isolamento social era uma prática suspensa nas ruas, mas que precisava continuar de alguma forma e foi através das *lives* no *Facebook* que ela deu seguimento à sua luta.

1.4. Mulheres na capoeira e em rede

No ano de 2020, durante o isolamento da pandemia da Covid-19, a capoeirista Sabrina Silva realizou 60 *lives* com temas variados, mas 55 *lives* foram com o tema: “As conquistas das mulheres na capoeira”, sendo que essa pesquisa se debruçou em apenas 5 dessas *lives*.

As *lives* foram transmitidas pelo Facebook, a partir de 17 de maio de 2020, e finalizadas em 10 de agosto de 2020. A primeira *live* teve como entrevistado o Mestre Walcir, seu pai, e teve como título: “Vivência do Mestre Walcir no Estado do Pará”. A *live* do Mestre Walcir foi somente sobre a trajetória dele, mas quando a *live* não tinha um Mestre homem, então o tema orientador era “As conquistas das mulheres na capoeira”, um título sem identificação de

¹⁰ Agradeço aqui as sugestões da banca de defesa, porém algumas delas serão utilizadas para publicações futuras.

uma pessoa especificamente. Como pode se ver a seguir nos posts de divulgação das *lives* analisadas nesta pesquisa:

Post Live Mestre Walcir



(10/05/2020 publicada como imagem pública na página de Sabrina Silva *no Facebook*)

Post Live Instrutora Margarida



(01/06/2020 publicada como imagem pública na página de Sabrina Silva *no Facebook*)

Live Treinela Leca Marinho



(27/06/2020 publicada como imagem pública na página de Sabrina Silva no Facebook)

Post Live Formada Donzela



(27/06/2020 publicada como imagem pública na página de Sabrina Silva no Facebook)

Post Live Treinela Darcica



(10/07/2020 publicada como imagem pública na página de Sabrina Silva no Facebook)

As transmissões começaram a ser gravadas na sala da casa de Sabrina, mas por conta da agitação e do barulho, passaram a ser gravadas em seu quarto. Ela contou que realizou uma estrutura para as gravações, colocou uma mesa, ventilador, um suporte para celular e a bandeira de seu grupo atrás de sua cadeira. Inicialmente planejou que as *lives* tivessem cerca de uma hora de duração, porém, muitas passaram do horário estipulado, mas nunca contestou porque acreditava ser importante para seu aprendizado e do público, então houve algumas *lives* com mais de três horas de duração. Sabrina também contou que havia um aspecto comum em todas as *lives*:

primeiro cumprimentar a galera ao vivo aos que assistem, eu sempre gosto de interagir com a pessoa que tá online, quando no meio da conversa entra um Mestre eu peço licença e apresento o Mestre como se estivesse também numa roda de capoeira, o Mestre chega e a gente para a roda, isso é um fundamento da hierarquia dentro da capoeira. (Áudio de Whatsapp em 11/08/2020).

Nesta fala acima, Sabrina explicou uma atitude que é tradição na capoeira, que é a base para a construção da hierarquia presente nesta prática, e que é reproduzida nas *lives*: a saudação aos mestres assim que chegam, independente se isso significa a interrupção de algo que já estava acontecendo. Pois, para Sabrina é importante que ela traga as tradições presentes na roda de capoeira, já que ela mesma em entrevista revelou que o ato de fazer com que a live fosse um reflexo das rodas de capoeira foi algo intencional – tema que voltarei mais adiante.

A partir da terceira *live*, ela contou que organizou uma série de perguntas norteadoras baseadas em pesquisas e no seu próprio conhecimento sobre a capoeira:

1. Boas-vindas
2. Como foi seu contato com a capoeira?
3. Com quantos anos, ou em que ano deu início à capoeira?
4. Teve apoio na capoeira quando iniciou?
5. Como você consegue conciliar capoeira e família?
6. Quais suas dificuldades como mulher na capoeira?
7. Você já sofreu algum preconceito como mulher na capoeira?
8. Qual sua referência na capoeira (mulher e homem)?
9. Em quem você se inspira na capoeira?
10. Qual sua emoção na capoeira?
11. Qual sua contribuição no seu Estado?
12. Você tem sonhos a realizar? Ou já realizou?

13. Fale um pouco do seu trabalho na capoeira.
14. A capoeira já levou você até onde fora do seu Estado?
15. Qual foi a competição mais importante para você? E qual foi a mais difícil?
16. Mande uma mensagem final para o público, mulheres, capoeiristas, ou para a comunidade em geral?
17. Deixe uma mensagem sobre a pandemia para o público.

A partir dessa sequência de questões levantadas por Sabrina para nortear suas *lives*, percebe-se, de imediato, que há alguns temas especialmente relevantes para ela: a diversidade de trajetórias entre as capoeiristas, os desafios de ser mulher na capoeira, o respeito pela prática e a conscientização em relação à pandemia da Covid-19.

Algumas características foram recorrentes nas transmissões analisadas durante a pesquisa, como a utilização de cantigas de capoeira na introdução de cada encontro, sinalizando a tradição capoeirista que é de suma importância para que Sabrina conseguisse dar a face de roda em suas entrevistas.

A instabilidade das conexões da internet também foi algo que, além das repetidas perguntas, se tornou recorrente em todas as *lives*. De modo rotineiro a conexão e as conversas nas *lives* eram cortadas e explicitavam as condições de conexão local. Já que quando se fala sobre acesso à internet no Norte do país se observa marcadores de desigualdade, especialmente em relação à qualidade do serviço ofertado¹¹.

Segundo o Instituto Brasileiro do consumidor (IDEC, 2022), há pouca divergência entre o número de domicílios conectados à banda larga fixa - que possibilita uma conexão de maior qualidade e com maior velocidade - entre a região Norte (66%), o Sudeste (67%), Centro-oeste (66%) e Nordeste (68%) -, apenas a região Sul apresenta um índice mais discrepante de 79% dos domicílios conectados à banda larga fixa. Assim, também há uma discrepância no acesso à internet por conexão móvel (via modem ou chip 3G ou 4G), que disponibiliza usabilidade limitada da internet: apenas 15% dos domicílios da região Sul acessam por conexão móvel, frente a 27% dos domicílios da região Norte. Da mesma forma, a região Sul dispara nos domicílios conectados por conexão via cabo de TV ou fibra óptica (67%) - que possuem maior qualidade de conexão -, frente aos apenas 52% de domicílios com esta conexão no Norte.

¹¹ O fato que a maioria das casas na região Norte estão conectada à rede não significa que desfrutem do pleno potencial da internet.

Sendo assim, a instabilidade da conexão foi um dos desafios para o desenvolvimento das *lives*, mas apesar disso mulheres capoeiristas perceberam nessa iniciativa de Sabrina uma janela para que fosse possível continuar a luta contra as assimetrias de gênero que antes se travavam no espaço off-line, a passarem a ser travadas no espaço online devido ao isolamento social.

1.5 “Uma andorinha só não faz verão”

A live que tinha como entrevistada Jeniffer Santos, conhecida na capoeira como Instrutora Margarida, foi palco de algumas pontuações sobre as dificuldades de ser capoeirista mulher, começando por uma crítica em relação ao apoio aos eventos que são propostos por mulheres, em uma fala ao Mestre Chaguinha que a parabenizou durante a transmissão, a capoeirista pontuou:

Mestre, eu que agradeço, a gente tem que agradecer, acho que a Sabrina tem a agradecer muito, de ter a situação dos Mestres apoiando sabe? Isso é um ponto crucial que a gente tem que falar também, porque, assim, se o Mestre não teve a iniciativa de fazer, apoiem as suas alunas que estão fazendo, porque elas estão fazendo pela capoeira e pra capoeira. Então importante a gente participar e motivar, pra que todo mundo participe, porque ninguém veio aqui pra ensinar nada pra ninguém, eu não tô aqui pra dizer como a capoeira tem que ser feita, a gente tá aqui pra conversar e se conhecer, tem gente que não me conhece e tem gente que eu conheci através das lives, então essa conexão é essencial, principalmente quando a gente tá nesse período de pandemia, entendeu? Porque tu és obrigada a ficar isolada e se distanciar de pessoas que você tanto gosta. (Margarida, *live* em 09/06/2020)

Nesta fala, aparece algumas tensões hierárquicas sendo construídas, começando por um apoio que a Sabrina tem, que outras capoeiristas não possuem, que diz respeito ao apoio dos Mestres. Nota-se que o trabalho da Sabrina em “salvar” a capoeira é legitimado por ter o apoio de seu pai e de outros Mestres, consequentemente. “Eu não estou aqui para dizer como a capoeira tem que ser feita”, essa frase mostra o respeito que a capoeirista tem com os Mestres que estão presentes, com um certo receio de contrapor-los, mas ao mesmo tempo evidencia a importância do trabalho de Sabrina durante um período de isolamento, um trabalho que foi realizado por uma mulher capoeirista e não por um Mestre.

Margarida continuou sua fala e em um momento, ao falar sobre sua iniciação na prática, ela descreveu que só podia ir aos treinos quando seu irmão deixava e fosse acompanhá-la. Então houve tempo que ela precisou se afastar da prática por conta das suas notas na escola. Quando retornou, saiu do Centro comunitário João Batista e um dia foi assistir um treino no Grupo

Abadá Capoeira e começou a treinar neste Grupo, sendo aluna de Pião, que foi uma pessoa muito importante em sua vida, que a incentivou e a ajudou em um momento crítico de sua trajetória, onde ela se apaixonou por uma pessoa que saiu da capoeira e a fez sair também, e então conheceu Mestre Tucano que a apoiou muito durante o relacionamento abusivo que teve.

Continuou então explicando que ela passou por um fim de relacionamento traumático, e que aconteceu o que acontece com muitas mulheres na capoeira, passou por um grande constrangimento, pois a pessoa era mais graduada do que ela, saiu da capoeira e começou a falar inverdades sobre ela, a chamando de louca, ciumenta, que ela queria prejudicar o trabalho da pessoa na capoeira. Então surgiu a pergunta: Quem iria acreditar nela se a pessoa com quem ela se envolvia era mais graduado do que ela? No grupo de pessoas da qual ele fazia parte, ele era visto apenas como a pessoa boa que era, mas no relacionamento não era assim. Emocionada, contou que Mestre Tucano acreditou nela na época, mas que outras pessoas a olhavam como a errada, como se ela fosse ter coragem de atrapalhar o trabalho do grupo que fazia parte, completou dizendo: “É difícil pra caramba quando você tá em um relacionamento abusivo, que você tenta sair desse ciclo vicioso e, muitas vezes, a própria capoeira não te apoia”.

Seguindo sua fala, a capoeirista contou que por muito tempo a pessoa com quem ela se envolvia praticou relacionamento abusivo com uma outra mulher fora da capoeira e chegou até a mídia, e só então a verdade apareceu. “Eu era só uma menina e querendo ou não a graduação gera influência dentro da capoeira”, disse a Instrutora.

Esta discussão levantada por Margarida evidencia um paradoxo que o movimento de mulheres na capoeira tenta desconstruir cotidianamente: o fato de a capoeira ter uma heterogeneidade interna, perpassada por hierarquias e legitimidades que são sustentadas em práticas de opressão das mulheres.

A capoeirista continuou explicando que foi exatamente nesse momento de angústia que Silvia Leão chegou em sua academia para convidar as meninas de seu grupo para participar das reuniões do 1º encontro do Movimento Capoeira Mulher, que aconteceria no Sesc (Serviço Social do comércio). Explicou que o Capoeira Mulher não é um evento e nem um grupo de capoeira, pois cada menina que dele participa tem o seu próprio grupo, e o trabalho desenvolvido nele é focado no social.

“Nessa questão toda do movimento, ele tem esse papel social, ele te ampara, ele te escuta, ele faz você perceber que você não é um número, que você não é uma figura de enfeite. Eu acredito que, pra mim, o papel do Movimento foi ele fazer eu perceber que eu poderia ser muito mais do que aquilo que eu imaginava que poderia ser dentro da capoeira, entendeu? E ele me deu pessoas que eu amo infinitamente, você não tem

noção de quantas vezes eu já chorei na hora de voltar pra Macapá porque eu ia ficar longe das pessoas que eu amo, assim, o Movimento sempre foi e sempre será uma força motriz, junto com meu Mestre, junto com meu grupo, pra mim tá na capoeira”, afirmou emocionada a capoeirista. (Margarida, *live* em 09/06/2020).

Na fala acima, Margarida citou a importância do Movimento capoeira Mulher em vários momentos de sua vida, que a apoiou em situações difíceis dentro da prática, mostrando que a ação deste movimento vai para além da capoeira, constrói redes de mulheres que são permeadas pela assimetria de gênero, mas apesar de ela trazer para a discussão a presença dessas redes de mulheres, ela atrela a sua gratidão ao seu Mestre, legitimando que a hierarquia da capoeira se sobressai em relação à luta pela visibilidade feminina.

Em um outro momento, ainda falando sobre desigualdades de gênero nesta prática a capoeirista citou:

Fênix fez uma fala excelente uma vez, disse que poderia estar uma bateria formada, equilíbrio perfeito, mas se uma mulher está com o Berimbau por cinco minutos, o cara não vai no pandeiro, não vai na tabaca, vai selado na mão da menina. Sabe o que é? É que está tão enraizado isso que não percebem. Aí nesse nicho temos essa situação de relacionamentos abusivos, aí tem também a questão do assédio moral. Por que? Porque quando você fica chateado por causa de alguma coisa que eu te fiz ou que eu te falei, e tu acha que é legal tu vir me dá-lhe uma ponteira¹² pra me pagar no meio da roda. (Margarida, *live* em 09/06/2020)

Nota-se que, muitas vezes, a desigualdade de gênero e o machismo que é denunciado por essas mulheres não é velado, mesmo com muita luta é recorrente e escancarado. O silenciamento dessas mulheres se dá desde o ato de tirar o pandeiro de uma mulher, que por muito tempo era algo comum, até mesmo pode se visualizar agressões físicas dentro da roda. E a capoeirista continuou a discussão, “o maior conhecimento que eu tive dentro do Movimento Capoeira Mulher foi entender que eu não sou um objeto pra ser negociado, é entender que eu não preciso disputar espaço com mulher nenhuma porque tem espaço pra todas”. Percebe-se que a importância de destacar essa fala é mostrar que apesar da existência dessa rede de mulheres que estava sendo fortalecida no momento de pandemia, ainda existem conflitos entre elas, e, posteriormente, ela ainda reforçou: “Você precisa das pessoas! E o Movimento vem pra isso, pra mostrar que você precisa das pessoas, você precisa das mulheres e as mulheres têm que respeitar umas às outras”.

Ao longo da transmissão Margarida fez mais uma denúncia impactante quando disse: “Parem de oferecer as mulheres do Estado de vocês e do grupo de vocês como mercadoria

¹² Movimento de ataque que consiste em dar um chute rápido com a ponta do pé. É uma técnica bastante comum na Capoeira Regional, criada pelo Mestre Bimba, mas também pode ser encontrada em outras vertentes da Capoeira.

quando vier gente de fora tá bom? Porque vocês queimam as mulheres de uma forma que vocês não têm ideia”. A fala indicou que além de todas as opressões os corpos das mulheres são usados como objeto de troca com capoeiristas de outros Estados, em uma acusação explícita aos capoeiristas homens que circulavam entre elas.

Ao recuperar, durante as lives, alguns registros do Movimento Capoeira Mulher, a entrevistada encontrou uma foto da comemoração dos quinze anos do Movimento, em que estavam vestidas com roupas sensuais e explicou: “Desculpe a expressão, no Movimento a gente foi puta, a gente foi Maria Berimbau, a gente foi sapatão, a gente queria tirar a mulher dos caras, a gente queria roubar aluna, a gente queria tudo o que vocês imaginarem, o que falavam de mulher ruim, era a gente do Movimento Capoeira Mulher. Foram quinze anos pegando muita peia minha gente!”, e vestidas com roupas sensuais protestaram contra o assédio que sofreram.

Através de um comentário durante a live, Mestre Muzenza a questionou sobre as principais conquistas das mulheres na capoeira. Então, Margarida respondeu:

Eu acho que não é só uma, são várias né? Eu, que elas entenderem que uma tem que ajudar a outra, sabe aquela história de uma sobe e puxa a outra? Eu acho que é o despertar da sororidade, eu acho que essa é uma grande conquista da mulher dentro da capoeira, sabe? Eu acho que é aprender a se impor, entendeu? Eu não digo na força bruta, não, eu digo através da fala, através da postura, é aprender a se impor dentro das rodas de capoeira sabe? É tipo, eu comprei um jogo com uma mulher mais graduada que eu ou comprei um jogo com um homem da mesma graduação que a minha, aí eu puxei pro lado, fiz um movimento, aí vem um camarada e me tirou, presta atenção! Eu acabei de comprar um jogo, o camarada não foi tirar o outro cara, ele veio me tirar, e aí eu fiz o que? Vou lá jogar com o camarada que veio me tirar, pra ele entender que o que ele tá fazendo não tá certo, que não pode me anular dentro da capoeira. Eu acho que essa é uma conquista, quando as mulheres começaram a sair de dentro da concha e entender que a gente faz parte de todo um contexto dentro da capoeira. Esse papo de dizer que a mulher é a beleza que veio enfeitar a capoeira, gente pelo amor de Deus, não façam isso (risos), a capoeira já é bela por si só, a gente tá ali na capoeira porque a gente ama a capoeira, porque a gente quer ver a capoeira crescer, a gente quer ajudar, a gente quer contribuir, a gente quer fazer com que a capoeira tenha a visibilidade que ela merece entendeu? A gente não tá ali pra deixar a capoeira mais bonita, sabe? Olha, presta atenção, toda vez que você fala que você tá ali pra deixar a capoeira mais bonita, eu acho que a Akotirene lá na ancestralidade tem um infarto entendeu? A nossa principal conquista é a gente poder abrir a boca hoje em dia pra falar. (Margarida, *live* em 09/06/2020)

Margarida citou em sua fala acima um silenciamento das mulheres ao longo de muito tempo na capoeira, que sempre esperaram serem protagonistas da própria história. Segundo Caroline Cardoso (2022) esse silenciamento é explicado por Grada Kilomba, uma artista e intelectual portuguesa, que em sua obra *Memórias da plantação* (2019), discorreu sobre a importância de falar sobre sua própria história como um ato político, assumindo o papel de sujeita e não mais de objeto, sendo quem descreve e não mais quem é descrita.

Posteriormente, Margarida destacou que a capoeira perde mulheres por conta do assédio moral e sexual, e que mulheres e homens que forem omissos à essas práticas são coniventes porque existem pessoas que se espelham em outras pessoas, então, por isso, a omissão é levada adiante. Sendo assim, é importante que os capoeiristas comecem a prestar atenção nos sinais que são dados por mulheres que estão sofrendo assédio na roda, que, às vezes, é dado ao pedir para ir beber água ou ir ao banheiro, pois, muitas vezes, aquela mulher pode não ter coragem de falar no rosto do abusador, e isso se dá porque o abusador também pode ser Mestre.

Sabrina perguntou à Instrutora se ela teria alguma referência masculina ou feminina na capoeira, ela respondeu que tinha várias, como o Mestre Tucano, porque achava incrível a capacidade que ele possui de gerir conflitos e acalmar os ânimos das pessoas. Já em relação à referência mulher, seria a Mestra Janja, por seu posicionamento de conquistar espaços como angoleira, e que, inclusive, achava um absurdo pessoas que não conhecem a história do Movimento Capoeira Mulher contestarem a decisão de Mestra Janja em considerar Silvia Leão como Mestra de capoeira em memória.

Emocionada, Margarida disse que tinha certeza que as pessoas que contestaram essa decisão não faziam ideia do quanto Silvia se tornar Mestra foi importante para sua família, já que eles viram alguém que amavam definhar em uma cama de hospital dia após dia e que mesmo doente ela levava alegria para as pessoas. “A passagem da Silvia foi rápida, mas a falta que ela faz é absurda porque ela foi uma pessoa que contribuiu muito, ela foi uma pessoa que passou por cima de tudo, mas apesar de ser uma visionária, também tinha seus momentos de fraqueza, também chorava, se emocionava”.

Ao enxugar seu rosto, disse que falar de Silvia Leão era difícil, pois foi uma pessoa muito importante para ela, tanto que o nome de sua filha é Silvia Beatriz. Era Beatriz porque um dia Silvia disse a ela que ouviu uma música de Chico Buarque chamada Beatriz e tinha lembrado dela porque Margarida era muito maior do que aquilo o que ela estava passando e que deveria viver e crescer. Então, disse que chorava não mais por medo, mas por revolta, por Silvia não estar mais presente fisicamente, por isso hoje ela liga para suas amigas só para dizer que ama, pois nunca se sabe quando essas pessoas não estarão mais ao seu lado.

Posteriormente, disse que outra mulher que tinha como referência era Dona Maria do Amapá, pois ela lutava muito pela capoeira, e destacou que a institucionalização da capoeira amapaense se deve a ela. Margarida comentou que trabalha no governo do Estado representando

a capoeira e que devia isso à Dona Maria que lhe acolheu. Outra referência masculina para ela é Mestre Grilo, pois tem uma bagagem extensa de conhecimentos na capoeira.

Nesse momento Margarida disse que ia interromper sua fala para cantar à capela uma música que ela compunha sobre mulheres na capoeira:

Iê
 Vou contar uma história
 Falar de mulher guerreira
 Seja negra ou Quilombola
 De Mulher na Capoeira

Falar de Akortirene
 Do seu grito que ecoou
 Era a mãe do quilombo
 Palmares ela lutou

Luiza que é mulher negra
 E lutou lá na Bahia
 Nos males e sabinada
 Lutou e ninguém sabia

Ainda na velha Bahia
 Falar de Janja e Felipa
 Mulheres fortes guerreiras
 Capoeiras destemidas

No norte do Amapá
 Também tem mulher guerreira
 Você não pode esquecer
 Maria da Capoeira

E chegando no Pará
 Terra de Silvia Leão
 Ela é Mestra Pé de Anjo
 Mora no meu coração

Na Angola ou regional
 Ela mostrou seu valor
 E pra jogar lá no céu
 Nosso senhor já lhe chamou!

Iê viva meu Deus...

Mais adiante no final da live, Margarida disse que primeiramente gostaria de agradecer a todos e todas que estavam assistindo a live, e que a afetividade se tornou algo crucial durante a pandemia, que para ela é importante a presença física dos Mestres, dos amigos e da capoeira, mas que era importante recuar naquele momento para que as pessoas ficassem saudáveis. E disse que fazer treinos virtuais era também uma forma de estar próximo, pois os capoeiristas não iriam se sentir desamparados, e que as pessoas que não gostassem dos treinos virtuais

poderiam ao menos fazer reuniões online com seus colegas e perguntarem se estavam se alimentando ou bem de saúde, já que a capoeira é inclusiva.

Outra capoeirista entrevistada por Sabrina foi a Treinela (nomenclatura recente, pois antes era apenas treinel, termo masculino), Leca Marinho, do grupo “Eu sou Angoleiro”, do estado do Pará, grupo que foi criado em Belo horizonte, possuindo várias frentes de trabalho; ela participa fazendo trabalhos com crianças do bairro da Terra Firme na cidade de Belém. Durante a pandemia os treinos precisaram ser suspensos, mas continuavam tendo encontros de treinos virtuais.

Continuou explicando que sua frente de trabalho no grupo do qual faz parte funciona na Associação Cultural Boi Marronzinho, localizada no bairro da Terra Firme. Depois, explicou que as nomenclaturas se diferenciam bastante na capoeira Regional e na capoeira Angola, pois na capoeira angola se usa Treinel e Treinela, contramestre ou contramestra e Mestre ou Mestra e que alguns grupos também utilizam Monitor/professor, e explicou também que Treinel é a aquela pessoa que já busca ter seus próprios treinos e trabalhos.

Posteriormente, explicou como era ter sua presença como mulher na prática da capoeira:

às vezes a capoeira Angola carrega essa ancestralidade, assim como a capoeira regional, mas se tem a ideia que muitas coisas não acontecem, né? E essas relações de machismo e todas essas relações que vem da sociedade que a gente vive, que não é propriamente da capoeira, mas que a capoeira acaba vivenciando também, essas coisas porque é feita de pessoas, né? E como é feita de pessoas, as pessoas acabam levando suas vivências e cotidianos para esses espaços e isso também acontece, então teve tempo que em Belém eu estava praticamente sozinha enquanto capoeirista no meu grupo né? Enquanto mulher capoeirista eu era a única mulher capoeirista dentro do meu grupo. (Leca Marinho, *live* em 02/07/2020)

Posteriormente, Leca saudou suas companheiras de grupo, e disse que como elas passaram algum tempo longe, fora do Estado, com isso ela ficou sendo a única mulher do seu grupo. De repente, a internet da entrevista ficou instável e ela se desconectou. Sabrina a aguardou por alguns minutos e logo depois ela retornou contando que nessa época eram pouquíssimas mulheres de capoeira angola em Belém e muitas estavam paradas ou iniciaram e pararam, pois isso é muito comum na vida de mulheres capoeiristas, porque engravidam e param. Sabrina também acrescentou que, muitas vezes, as mulheres também param quando casam com capoeiristas porque o homem é ciumento.

Leca concordou e continuou falando que percebia que quando as mulheres capoeiristas tem filho pequeno, onde, na maioria das vezes, quem para de trabalhar é a mulher e não o

homem. E pensando nessas questões, quando suas companheiras de grupo retornaram para Belém, em 2017, formaram um grupo de mulheres capoeiristas chamado “Flores de angola”. O objetivo era fazer um levantamento de todas as mulheres que pararam de treinar por esses motivos citados, preconceitos ou assédios.

A treinela afirmou também que existem outras coisas que afastam mulheres, como o não ter acesso ao berimbau, pois, segundo ela a capoeira é treino, repetição, vivência, é coletiva e não individual. Seguiu sua fala citando as diferenças biológicas que existem do corpo feminino para o masculino, onde o corpo feminino precisa muito mais da repetição do treino, então a exigência para as mulheres na prática é extensa. “Todas essas formas, são formas sutis de nos invisibilizar, porque nem sempre é sobre chegar e falar ou fazer uma violência física, mas essas formas também, como uma mulher entrar na roda e o outro se meter na frente, cortar, não dar a oportunidade...”, completou.

Então ela explicou que no grupo debatem essas questões, afirmou que nos últimos anos não só na capoeira angola, mas também na capoeira regional, o debate sobre mulheres na capoeira é um debate muito forte, deu como exemplo o trabalho de Sabrina com as diversas lives trazendo experiências de alunas, professoras, formandas, de mestres, mulheres de outros Estados. Explicou Leca:

A presença da mulher na capoeira não é nova, ela é muito antiga, mas não se escutava falar, ou então simplesmente a mulher parava e toda a memória dela morria ali, e, muitas vezes, não se buscava saber o porquê parou, e, aí, muitas vezes, a gente escuta na capoeira, ‘ah mas isso não é da capoeira’, ‘o machismo não é da capoeira’, mas a forma como a gente se comporta dentro da capoeira é uma reprodução, é uma expressão. Então, o machismo não deve ser combatido só pelas mulheres, mas os homens têm que se perceber, e a partir dessa percepção, se auto combater também, porque não é fácil quando a gente é acostumado a ter uma atitude. A própria questão da musicalidade, se você acha que o outro tá tocando errado, não tá tocando tão bem quanto você, o seu ouvido se incomoda, tudo bem, qual o meu papel? É entortar a boca? É virar o olho? É ir lá e tirar o instrumento ou é ter a paciência e esperar o tempo do outro? Porque o nosso tempo não é igual, e a capoeira enquanto uma expressão de matriz africana fala muito sobre o tempo né? Cada um tem o seu tempo. E é isso, são vários os aprendizados na capoeira. (Leca Marinho, *live* em 02/07/2020)

Em seguida a capoeirista afirmou que na capoeira as mulheres precisam ter sabedoria para lidar com as situações de machismo. Destacou: “Muitas vezes a nossa vontade é de chegar e meter o pé na porta, mas você está lidando com uma outra pessoa que tem uma vivência, que é da mesma manifestação cultural que você, que carrega essa ancestralidade, então, muitas vezes, você tem que procurar a forma mais educativa e não necessariamente a forma punitiva

de lidar com esse processo. Então realmente é muita carga pra gente poder estar lidando com isso”.

No decorrer da *live* a treinela recordou de um dia muito emocionante para ela aconteceu no ano de 2018 quando se tornou Treinela. Relatou que foi um dia muito “pesado”, pois estava muito tempo sem treinar, com uma filha pequena que não ficava com ninguém, mas mesmo assim deixou ela chorando no colo de alguém pra fazer um jogo, e durante este jogo o outro capoeirista não teve complacência e fez um jogo muito difícil, explicando emocionada:

era um homem né? Deitou em cima de mim, então naquele dia eu sai assim... porque depois eu tinha que pegá-la, e foi o dia que eu pensei muito em desistir da capoeira, falei, ‘Não, não dá, não é pra mim’, mas aí depois passou, passou, chorei, chorei (risos), depois voltei. Mas são coisas assim que a gente precisa que tenha esse olhar também, porque a gravidez, ela é algo muito forte assim, ter uma gravidez e voltar pra capoeira... tu é mãe Sabrina e tu sabe disso, é bem difícil assim. (Leca Marinho, *live* em 02/07/2020)

Então, segundo ela, é muito importante a presença desses debates dentro da capoeira, porque são debates invisibilizados, e, muitas vezes, as pessoas que sofrem esses preconceitos não se sentem à vontade de permanecer na capoeira por conta dessas questões, porque o assédio é recorrente, ao ponto de se chegar em um local e todo mundo saber a sexualidade de uma mulher lésbica, todo mundo saber que se tem um relacionamento com uma mulher e insistem no assédio.

Eu sou uma mulher bissexual, já tive relacionamentos masculinos, tenho uma filha e hoje vivo um relacionamento lésbico, um relacionamento com uma mulher, e já ouvi comentários, já vi caras tortas. A nossa sexualidade, a gente não deve satisfação a ninguém, a gente tem que ser respeitada pelas nossas decisões, a gente não escolhe quem amar, a gente só ama, então não é o outro que vai ter que escolher quem eu vá amar, né? Não são os comentários que vão me fazer gostar ou deixar de gostar de alguém, mas infelizmente afasta da capoeira, então, muitas vezes, a capoeira acaba também perdendo pessoas que poderiam ter um desenvolvimento e acabam se afastando por conta desses comentários, dessas superioridades masculinas que ainda é muito forte na capoeira. A gente não tem que ter medo de dizer isso, quando nós dizemos que há uma superioridade masculina na capoeira, não é que nós somos contra os homens, não, pelo contrário, eles são nossos Mestres, nossos camaradas, nossos amigos, nossos alunos, seja lá o que for, mas eles têm que estar compreendendo as nossas questões e tem que estar do lado com a gente nessa força né? E não nos afastando desse meio que é a capoeira, dessa vivência. Porque a gente é apaixonada, a gente vence muita coisa para estar dentro da capoeira. (Leca Marinho, *live* em 02/07/2020)

A capoeirista ainda argumentou que o preconceito na capoeira tem as duas linhas, tanto os preconceitos que os capoeiristas sofrem por exercer essa arte, e sobretudo quando a pessoa

é negra. Mas que dentro da própria capoeira, apesar de trazer essa ancestralidade negra, as pessoas sofrem esse preconceito, e que, muitas vezes, assim como o machismo, é sutil.

Para ela, o racismo da mesma forma é sutil porque, por exemplo, quando um europeu entra na roda e as pessoas se impressionam porque é de outro país, ou quando pessoas que possuem Ensino Superior são chamadas para falar sobre mulheres negras, mas uma mulher negra que não possui Ensino Superior não é chamada para falar sobre sua vivência. Para ela, esses debates não devem estar à parte da capoeira, porque a capoeira não está à parte da sociedade, e a capoeira tem que carregar essa etnicidade, porque ela só sobreviveu devido a muita luta. “Então sempre foi isso, sempre foi lutando, a gente luta pra manter um trabalho, a gente luta pra manter aluno, a gente sempre tá lutando pra sobreviver mesmo”, completou.

Outra capoeirista a participar da sequência de *lives* de Sabrina foi Sâmylla Rocha, conhecida na capoeira como Formada Donzela, praticante de capoeira regional e mulher trans. No decorrer da *live* explicou suas dificuldades na capoeira e afirmou:

Professora, as dificuldades foram bem grandes, até hoje a gente tem uma dificuldade em certos pontos, principalmente ao se falar de uma mulher trans no mundo da capoeira, porque a conquista da mulher na capoeira é um tema que é muito forte, muito debatido, quando tu fala em mulher trans as pessoas já veem com outros olhos, já pensam que não pode, que nunca viram, e tive uma dificuldade muito grande sim para me estabilizar no mundo da capoeira onde estou, pra conseguir meu respeito, conseguir meu espaço, pra conquistar ali meu momento né? Eu passei por muitas dificuldades sim! Dificuldades e preconceitos, que até hoje ainda sofremos, tanto uma mulher Cis numa roda capoeira, como principalmente uma mulher trans. Mas as dificuldades, eu peguei elas e tornei na minha força dentro da roda de capoeira, dentro do meu grupo, e acabei tornando a minha força maior, peguei a necessidade e mostrei que eu posso né? (Sâmylla, Formada Donzela, *live* em 02/07/2020).

Após sua fala, Sabrina leu o comentário postado durante a *live* da instrutora Margarida que falava que Donzela era uma guerreira e que possuía o reconhecimento que tanto merecia e continuou lendo outros comentários que estavam sendo postados de outras capoeiristas mulheres. Posteriormente, Sabrina perguntou sobre os preconceitos que Donzela sofreu na capoeira por ser uma mulher trans.

Ela respondeu que quando iniciou na capoeira, aos doze anos, já havia se descoberto uma mulher trans, e desde então sempre teve esta certeza, mas que quando começou a treinar seu apelido de capoeirista era Dobrado porque na época ela ainda não possuía características femininas. Aos dezoito anos começou a fazer suas mudanças de roupas e físicas, e a partir disso os preconceitos começaram. Afirmou que sofreu violências físicas de alunos do seu grupo de capoeira para que ela mostrasse “quem queria ser”, ouviu piadas de professores e de mulheres capoeiristas. E explicou:

Até um tempo atrás eu me abalava muito, por causa dos meus alunos quando ia com eles em algum lugar e tinha certos professores que falavam, comentavam, Mestres mesmo se colocavam contra a minha posição dentro da roda de capoeira... Então graças a Deus, esse preconceito hoje, ele já não interfere nada na minha vida, muito ao contrário, ele ajuda bastante, porque as pessoas que são preconceituosas eu trato super bem, mesmo não merecendo, eu trato super bem, porque tem uma corda maior, tem uma história, tem um respeito, tem um legado dentro do estado, fora do estado, não importa, precisa do respeito, porque na minha academia, professora, eu aprendi que temos que ter respeito, educação, estudo e humildade, tendo essas quatro coisas você entra em qualquer lugar. (Sâmylla, Formada Donzela, *live* em 02/07/2020).

Então, segundo Donzela, ela se alegra por ser uma mulher trans, já que é comum pessoas LGBT não participarem da capoeira por conta do preconceito, como o exemplo de mulheres trans, que ao verem mulheres cis passando por dificuldades acreditam que irão enfrentar as mesmas situações na capoeira. Nesse momento ela agradeceu aos Mestres que estavam assistindo a live por terem lhe apoiado, pois ela entendeu que os preconceitos a ajudaram a enfrentar as barreiras pela capoeira e que inclusive ela conheceu seu chefe de trabalho nos treinos de capoeira, e hoje trabalha como coordenadora de projetos em uma Secretaria do Governo do Estado do Amapá, atendendo jovens de baixa renda.

Posteriormente, Sabrina comentou que as mensagens que estavam sendo postadas durante a live eram mensagens de carinho e de saudações, mas que Margarida havia perguntado se a entrevistada já havia sofrido assédio moral e sexual na capoeira, então ela respondeu:

Vários, não vou citar nomes porque é antiético e não é o momento, a gente tá num bate-papo e assim, já aconteceu sim, de várias vezes eu chegar numa roda e ter pessoas dentro da roda de capoeira, e tirar graça, fazer piadinhas porque eu chegava de vestido, que não concordava e isso e aquilo, e falavam certas coisas. Chegaram até o nosso coletivo que faço parte, o Mulheres que gingam no meio do mundo, e criticaram o fato de eu estar lá e quando eu saía da roda de capoeira, tinha Mestres e professores, que tiravam graça, falavam brincadeiras sem graça, e depois vinham no meu Whatsapp pedindo nudes. Então isso me chateou muito, eu pedia pro Mestre me respeitar, porque o contato tinha que ser só na capoeira, fora eu não preciso ficar trocando mensagem se não for do meu interesse profissional com a capoeira. (Sâmylla, Formada Donzela, *live* em 02/07/2020)

Então ela afirmou que esses assédios acontecem com frequência, mas que hoje ela é casada e não passa mais por essas situações, pois “já tenho meu espaço, já tenho meu respeito”, e quando encontra com os Mestres que já a assediaram, os enfrenta e continua no mesmo espaço.

Posteriormente, Sabrina perguntou a ela o porquê do seu apelido ser Donzela, ao que a entrevistada respondeu que quando passou pela sua mudança de gênero não se sentia bem com seu apelido antigo, então o seu professor incentivou que seu novo apelido fosse Donzela por ser uma das meninas do grupo, mas Mestre Muzenza brincou dizendo que o motivo não era esse e sim que era porque Donzela é quadrada.

A Instrutora Margarida interagiu na *live* através de um comentário e perguntou como que Donzela se sentia fazendo parte do coletivo Mulheres que gingam no meio do mundo, ela respondeu que faz parte do coletivo graças ao convite da Instrutora Margarida, e que foi bem recebida pelas mulheres que faziam parte do coletivo, inclusive pela Dona Maria. E depois o coletivo recebeu muitas perguntas sobre o porquê de Donzela fazer parte dele e Margarida respondeu que ela era mulher assim como as outras, e Donzela ficou confusa sobre o porquê de tantos questionamentos, já que fazia tempo que fazia tratamento tomando hormônios femininos, mas que depois entendeu que as pessoas que estavam criticando, eram pessoas leigas e que se sente muito orgulhosa por fazer parte de um coletivo que tem a presença de várias mulheres, de grupos e histórias diferentes. E disse também que tenta dosar as relações para que o coletivo não interfira na vivência de seu grupo e vice-versa.

Nesse momento a capoeirista Miúda perguntou: “Mila, com base na sua história, qual o conselho que você pode dar para seguirmos firmes na capoeira?”. Ela, então, disse para as mulheres não desistirem, pois, a mulher não é sexo frágil, só tem mais dificuldades a mais que o homem para certas coisas, as pessoas tem dúvidas, como, por exemplo, “será que a mulher vai conseguir entrar em uma roda?”, “será que ela vai conseguir ouvir aquilo?”, segundo ela, as mulheres conseguem, pois são fortes e empoderadas, pediu pela união das mulheres, pois ganham mais se unindo do que se afastando.

Em seguida, Sabrina comentou que a formada é um exemplo para muitas mulheres, pois nada se consegue sem luta, e que se hoje ela está onde está é porque também lutou muito. Então disse que essa *live*, com certeza, iria inspirar muitas mulheres a superarem seus problemas e continuarem lutando para serem reconhecidas como ela e agradeceu pelo seu relato na *live*.

Outra capoeirista entrevistada por Sabrina foi a Treinela Darcica, praticante de capoeira angola. Darcica iniciou sua participação agradecendo Sabrina por ter cedido aquele espaço de fala e disse que já vinha acompanhando as lives produzidas por ela com o intuito de dar visibilidade para as vozes de mulheres que vinham lutando por espaço dentro da capoeira:

Então, eu só tenho a agradecer, por você ceder esse espaço pra mim contar um pouco da minha história, um pouco do que eu penso, um pouco do meu trabalho e pra falar um pouco das pessoas que estão do meu lado e que construíram junto comigo esse sonho que é viver na capoeira né? Vivenciar o artístico, mas também vivenciar os saberes e fazeres na capoeira (Darcica, *live* em 15/07/2020).

Assim, Darcica se apresentou como Darcely da Silva Cardoso, moradora da cidade de Cametá-PA, e que na capoeira seu apelido é Darcica, treinela do coletivo Malungo, Centro de capoeira angola. Seu Mestre é o Mestre Bel, de Feira de Santana, que estava acompanhando a

live, mas que seu formador no Estado e responsável pelo seu grupo era o Contramestre Leal e que também havia outras mulheres no coletivo de Cametá, Belém, Bragança e outros espaços, que formam o grupo de formadores do Malungo; em Cametá, Darcica é uma das responsáveis pela formação do coletivo.

Posteriormente, Sabrina perguntou quais as dificuldades que Darcica teve em praticar capoeira angola. Aos risos, ela respondeu que quando entrou na capoeira ela não sabia nada, não sabia jogar e nem tinha coordenação motora. Comentou que movimentação, a forma de contato, de experiência, é uma experiência diferenciada porque prioriza a identidade pessoal, é uma formação completa, de musicalidade, corpo, entendimento do lugar de onde você está, por isso é uma formação diferenciada.

Após sua resposta, Sabrina perguntou se Darcica já havia passado por dificuldades como mulher na capoeira. Ela respondeu:

Acho que não é bem a questão por ser mulher, acho que a questão de gênero aí, acho que não tem um impedimento, você pode ser mãe, você pode ser mulher, pode ser LGBTs, pode ser gay, pode participar, seu corpo permite participar. Pode ter N situações, pode estar participando, o problema é quem te vêem e como te julgam, acho que está mais nesse sentido, quem te olha e o que tu tá fazendo, como tu faz, então as pessoas costumam apontar e julgar que por ser mulher vai atrapalhar, o ciclo menstrual vai atrapalhar ou coisa do tipo, mas enquanto o ser mulher, a minha identidade enquanto mulher, acho que isso não tem muita dificuldade. A gente tem as nossas fases, nossas situações, mas isso não causa nenhum empecilho para estar dentro da capoeira, pelo contrário, a gente se demarca pela nossa identidade, então se assumir mulher dentro da capoeira já é um referencial que você está ali. (Darcica, *live* em 15/07/2020)

Nesse momento, Sabrina perguntou se a treinela já havia sofrido algum preconceito como mulher dentro da capoeira. Ela respondeu que sim, como ouvir pessoas que diziam que ela não iria dar conta ou que não gostariam de jogar com ela por ser mulher e que essas situações aconteciam sempre, aulas, cursos e oficinas que mulheres realizam, ou até mesmo quando vão fazer algum evento em escolas sempre há um murmurinho a fim de intensificar a questão.

Após sua fala, Sabrina solicitou para Darcica falar sobre suas referências masculinas e femininas na capoeira. A entrevistada respondeu que quando se fala sobre referências masculinas e femininas na capoeira, existem várias pessoas que a inspiram. Mas que acha importante falar sobre mulheres antepassadas que também era capoeiristas.

as mulheres que nos antecederam, estavam ali na frente de batalhas, considerando uma perspectiva histórica, porque quando a gente olha para o passado, a gente também se inspira nelas, e a gente sabe muito bem que, na história do Pará, a gente conhece mulheres que sofreram muito, em relação ao seu corpo, eu falo isso em relação de ver

a perspectiva histórica, quando a gente trabalha o sentido de mulher e o corpo, fala sobre o preconceito, quando a gente fala sobre qual é o meu lugar dentro da capoeira, como mulher. (Darcica, *live* em 15/07/2020)

Continuou explicando que durante o século XIX e XX, no estado do Pará, existiam mulheres que praticavam capoeira, como a Cafusa Jeronima, Maria Meia-Noite, que atuavam pela liberdade do seu corpo. Segundo ela, naquele momento existia um modelo que estava sendo implantado no Brasil, em todas as províncias que tinham que seguir um modelo europeu que pretendia implantar o controle da mulher, e que hoje em dia não é diferente. Naquele momento, o controle da mulher era o corpo, disciplinar o corpo feminino, qualquer mulher que fugisse daquele padrão de serem dedicadas ao lar, à igreja, que não tivessem um comportamento disciplinado, era dever do Estado disciplinar aquele corpo.

Dando continuidade à sua fala, Darcica explicou que mesmo com toda essa padronização de comportamento feminino, havia mulheres capoeiristas que estavam lutando pela sua liberdade do corpo, que não seguiam esses padrões, geralmente eram mulheres pobres, mulheres que disputavam a rua, o meio social. Segundo ela, a rua é um espaço de poder, de estratégia, tanto políticas, como também de disputa, então essas mulheres iam para as vendas nas ruas, então se o trabalho da mulher fosse fora do seu lar era visto com maus olhos.

Tinha um paradoxo dessas mulheres que estavam aí tentando ganhar sua liberdade de corpo, tentando ganhar seus espaços dentro da rua e conquista-los. Tu tá falando em uma live de capoeiristas que conquistaram os espaços, a conquistas das mulheres capoeiristas, então o primeiro passo que a gente deve lembrar, de quando a gente fala sobre preconceito, de questões que machismo, as questões de misoginias, a gente fala de conquistas que não tem como se referenciar a essas mulheres que nos antecederam, que estavam lá, em frente a um universo, disputados na rua, no qual elas também usavam das artimanhas do corpo para se defender, principalmente a capoeira, no entanto, era conhecido como capoeiragem. (Darcica, *live* em 15/07/2020)

Continuou explicando que essas mulheres também usavam seus corpos como arte de defesa, e que não era diferente do que a mulheres capoeiristas fazem hoje, mas que, além disso, utilizam a capoeira não apenas para o enfrentamento, mas também para a resistência, claro que com contextos diferentes, mas, ainda assim, com lutas contra o machismo, a misoginia entre outras correntes que tentam derrubá-las. Então, para ela é importante se falar sobre essas mulheres que foram referências no passado e que nos dias atuais suas referências são, Mestre Janja e Mestra Jejê da Bahia, Mestre Bel, Contramestre Leal, e a treinela Lira, que foi sua primeira referência feminina, de quando conheceu a capoeira Angola.

Nesse momento, Sabrina leu o comentário do Instrutor Seu guarda, que dizia que o machismo sempre foi uma tradição na Europa, demorou muito para as europeias terem direito ao voto e que no Brasil estamos a passos bem pequenos em direção à igualdade. Posteriormente, Sabrina saudou mais algumas pessoas que estavam assistindo a live e perguntou à Darcica em quem ela se inspirava na capoeira. Ela respondeu que em suas antepassadas que citou e nos outros nomes que ela também já havia citado.

Após a resposta da capoeirista, Sabrina perguntou se ela já havia tido alguma emoção na capoeira. Ela respondeu que são muitas emoções que se sente na capoeira, durante a formação, conhecendo o universo cada vez mais, se aprofundando, e, ainda mais, quando é responsável por alguém, e que só pode ter este sentimento quando pegou seu título de treinela, em 2019. Comentou que nunca se sabe quando se está preparada para subir de nível na capoeira, mas o formador sempre sabe a hora. E explicou:

E a gente fica se perguntando ‘Não, mas ainda não estou pronta’, e estava pronta. Porque já estava assumindo as responsabilidades que deveria, que quem mais nos conhece é quem nos forma, então eu ano passado tive, este título como treinela, e pra mim foi uma responsabilidade imensa, que eu já carregava uma como monitora, uma responsabilidade imensa, como treinela mais ainda porque, exigem mais, porque você tem ali um espaço, uma experiência melhor, um espaço melhor para atuação e você está responsável por um coletivo, conduz roda, você passa treino, então a responsabilidade ali é muito mais pesada, então não sei como funciona no processo de formação de vocês, mas com treinela, ou treinela de capoeira, tem esse processo de formação, aprender a fazer seus instrumentos, a passar essa formação, conduzir rodas, articular eventos, tem essas estruturas, que todas as formações de capoeiras têm esse amadurecimento. (Darcica, *live* em 15/07/2020)

Comentou também que essas questões pesam muito mais para mulheres, porque sempre há a cobrança em sempre ter o melhor desenvolvimento e que para ela isso não era errado,

porque tem que fazer e acontecer, tem que segurar a onda, a gente não pode construir uma coisa e sair fugindo, tem que tentar construir uma coisa sólida mesmo, pra tentar mostrar o trabalho, só que isso também, interfere em uma outra relação, quando você começa a aparecer dentro da capoeira, tem a questão do assédio, a gente não pode deixar escapar isso, quando se trata de mulheres, a gente vê a percepção do assédio sexual, uma intimação do corpo da mulher sendo colocado, não como para a capoeira, mas como a serviço de um mestre, a serviço e um treinela, de um contramestre, a gente sabe que essas relações de assédio existem, em grupos de capoeira, eu não posso falar do outro, porque eu não convivo nos outros grupos, mas no meu, sempre tiveram este tipo de posicionamento, mas também soube responder, com a expulsão da pessoa. (Darcica, *live* em 15/07/2020)

Segundo ela, quando a mulher se coloca em um universo que é masculinizado do jeito que ela é, com seu cabelo arrumado, com seu vestuário próprio, algumas pessoas entendem errado, como se ela fosse se oferecer, principalmente quando se é uma liderança feminina, mas na verdade ela só está se colocando como a mulher que é. Então para ela, o processo de assédio permeia o caminho de mulheres capoeiristas, porque são criadas em uma sociedade machista,

sendo assim, é quase impossível não ver essas relações, por isso deve-se quebrar estes paradigmas, conversar nos grupos sobre isso, internamente, com atuações necessárias, para que se possa entender como as relações funcionam nos grupos com a presença de mulheres.

Em seguida, comentou que inclusive dentro do Centro de capoeira Angola Malungo existe um coletivo feminista de mulheres angoleiras, chamado “o Bando da Brava”, que é constituído pelas mulheres do seu grupo, no qual se discute sobre machismo, feminismo, liberdade de corpo e sobre suas posições enquanto mulheres.

Disse também que apesar de terem seus Mestres e formadores, as mulheres possuem essa abertura de diálogo para apontar questões que possam estar em falta no grupo, fazendo assim a voz ativa das mulheres sempre presente e elas tentam levar essa postura para outros coletivos de mulheres, inclusive contou que em 2019 houve uma reunião com o coletivo Sumanas, em Cametá, onde as meninas do Bando da Brava participaram da oficina de musicalidade com elas, juntamente com o compartilhamento sobre a gestualidade feminina e de como se posicionar na capoeiragem.

Posteriormente, Sabrina perguntou para quais outros Estados Darcica havia visitado pela capoeira. Ela respondeu que foi à Salvador, em uma experiência maravilhosa, visitou também Valença, para participar de um evento de Mestra Jeje, no grupo Quilombo Tenombé, chamado Gingando pela Autonomia, era um evento para mulheres, para vivência entre mulheres. Contou que foram duas mulheres de Cametá e três de Belém, para tentar entender como outras mulheres angoleiras vivenciavam a capoeira, e contou que foi muito importante para a formação delas como capoeiristas e que a partir desse evento surgiram relações, tanto que conseguiram trazer Mestra Jejê para um evento em Belém, que aconteceu na Praça da República.

Contou também que Mestra Janja, também da Bahia, já chegou a ir em Cametá para a defesa de dissertação de Maria Zeneide, e que esse havia sido seu primeiro contato com uma Mestra angoleira, um momento ali de diálogo que permitiu também o conhecimento de outros coletivos, Mestra Janja a apresentou a RAM (Rede de Angoleiras Mulheres), presente em redes sociais, como o Facebook e Whatsapp, com a participação de capoeiristas angoleiras de vários países.

Posteriormente, Sabrina saudou mais algumas pessoas que assistiam a *live* e pediu para que Darcica deixasse um recado para o público. E ela respondeu:

Quero deixar um recado bem legal, que gente continue aí na resistência, apesar dos processos que estão aí em volta da gente, que vem aprisionando o nosso corpo, mas

que também permite a gente mostrar onde deve permanecer porque é o nosso lugar de espaço, que o corpo da mulher é onde ela quiser, dentro da roda, na forma que ela se expressar, como ela quiser se expressar e que a gente continue na luta de resistência nos apoiando, principalmente criando esta rede de mulheres, pra que a gente possa estar se apoiando nas dificuldade, compartilhando experiências, porque, por exemplo, eu até então não tinha contato com você, Sabrina, agora eu tenho contato e pra mim vai ser maravilhoso quando eu for em Belém ou você vir em Cametá eu poder lhe receber, aqui, então a gente vai criando essas redes e essas redes nos fortalecem, e a gente tem que criar essas estratégias para poder nos defender e o povo tem a sua identificação, então a gente procura trabalhar muito nisso. (Darcica, *live* em 15/07/2020)

Após o recado de Darcica, Sabrina leu alguns comentários que estavam sendo postados durante a Live e pediu para que a treinela deixasse uma mensagem sobre a pandemia. Respondeu que as pessoas deveriam se manter fortes e resistentes, mesmo que existam dias que nos abatam, por não poder sair de casa, sem rever os amigos. “Porque a gente não pode estar ali vadiando junto com o coletivo, que a gente possa procurar outros meios, outros caminhos, outras vias para socializar, a gente tem que cuidar da gente agora, do individual, para poder cuidar do coletivo, então usem máscaras, saem se necessário, cuidem de seus pais, dos seus avós, das suas crias, que o importante é isso, a gente permanecer forte como coletivo”. Após a fala de Darcica, Sabrina agradeceu pela sua participação e encerrou a live.

1.6 A luta continua

Como foi dito anteriormente, a atuação de movimentos sociais nas redes sociais já existia antes do período pandêmico, entretanto, com o contexto de pandemia foram se formando laços mais firmes entre os agentes sociais a partir do descontentamento com a administração pública em relação aos problemas socioeconômicos que eclodiram naquele momento.

Contudo, antes da pandemia, a luta de mulheres na capoeira já era extensa, como por exemplos, os trabalhos desenvolvidos pelo Movimento Capoeira Mulher que foram iniciados pela Mestre Silvia Leão e se estendem até depois do seu falecimento, apesar de muitos capoeiristas acreditarem que o Movimento iria se encerrar após a morte de Silvia, as participantes continuaram as atividades e deram seguimento na luta contra o machismo, contra a violência e a favor da visibilidade de mulheres na capoeira.

Porém, ao iniciar a pandemia enfrentaram muitos desafios nesse embate, já que o contexto exigia o isolamento social, foi então que Sabrina Silva viu nas lives do Facebook uma

alternativa para continuar o enfrentamento que já vinha sendo realizado por outras participantes do Movimento Capoeira Mulher.

Capítulo 2: Filha de peixe, peixinho é?

2.1 A anfitriã

Sabrina Nazaré Assis da Silva, 33 anos, é filha de José Walcir Lopes da Silva, conhecido como Mestre Walcir, que atua na capoeira do Estado do Pará desde 1977. Sabrina tem dois filhos e duas irmãs, mas como ela mesma disse em entrevista:

É... e uma das três filhas que se identificou dentro da capoeira foi eu, que eu gosto muito de tá dentro da capoeira, de tá interagindo, de tá aprendendo. Então, das três filhas, quem tá levando o legado do meu mestre pai sou eu. (Silva, Sabrina. Áudio via whatsapp em 11/08/2020)

Sabrina pratica capoeira desde os 9 anos de idade, sempre acompanhando seu pai. Começou a praticar na década de 90, no centro comunitário na Travessa Barão do Triunfo. Foi então que viu que necessitava aprender a cantar e a tocar para poder conduzir uma roda, começou treinando os toques e cantos em casa com o berimbau do seu pai. A capoeira lhe ensinou muitas coisas, tocar, cantar e inclusive a perder sua timidez, sempre guiada pelo seu Mestre.

Meu Mestre foi me lapidando, me conduzindo no caminho certo. Ele sempre fazia com os alunos uma roda de capoeira, e fazia com que os alunos aprendessem a falar em público, como, por exemplo, saber o nome do seu grupo, saber o nome do seu mestre, e isso ele foi repassando pra gente. (Silva, Sabrina. Áudio via whatsapp em 11/08/2020)

Sabrina se inspira em Mestre Walcir, que sempre trabalhou em projetos sociais no Estado do Pará, desde a época em que trabalhou na Fundação Papa João XIII (FUNPAPA) resgatando crianças das ruas para ensiná-las capoeira. Sabrina sempre o acompanhou na realização de muitos eventos, justamente para entender como funcionava a organização e assim poder dar continuidade a este legado. Ela também organizou muitos outros eventos, o primeiro seminário Paranaú Capoeira, o aulão feminino da Associação de Capoeira Senzala e atividade na Ilha da Onças, onde dava aulas.

Na entrevista, contou que os pais das crianças tinham preconceitos em relação à prática e que as meninas vestiam shorts por baixo da saia para que pudessem treinar escondido. Foi então que Sabrina teve a ideia de fazer um aulão feminino para arrecadar fundos para uma atividade social natalina no encerramento das atividades da escola Menino Jesus, onde foram distribuídos brinquedos para as crianças com a presença de um Papai Noel.

Levei essa pessoa do Menino Jesus, que é capoeirista também, vestido de Papai Noel, para falar do projeto Menino Jesus, que a capoeira é solidária, que a capoeira é disciplina, é respeito, que a capoeira também incentiva o aluno a estudar, que a capoeira também mostra pro aluno que ele também tem que ter o respeito com o pai, de tomar a bença, que hoje em dia a gente não se vê isso

né? E a gente mostrou uma forma totalmente diferente, para os pais e para as outras pessoas que tinham uma outra visão da capoeira”. (Silva, Sabrina. Áudio via whatsapp em 11/08/2020)

A partir desse relato de Sabrina, percebi que mesmo a capoeira sendo considerada um esporte, ainda é ligada aos preconceitos do passado, vista como uma prática que ainda está ligada à criminalidade e à violência. É importante perceber que Sabrina e seu pai estão ligados fortemente pela luta da valorização da capoeira através desses projetos sociais. Abaixo segue um registro da ação que Sabrina e Mestre Walcir realizaram na Ilha da Onças.



Distribuição de brinquedos na Ilha das onças

A imagem acima foi enviada via *Whatsapp* para mim, durante a primeira entrevista que realizei com ela no decorrer da pesquisa. Sabrina, além de participar de ações sociais com crianças e adolescentes também organiza eventos femininos dentro da capoeira, como o Encontro Estadual Feminino de Capoeira, durante a entrevista contou que o evento já estava parado há três anos por falta de patrocínio. Mas em março de 2022, após o período de campo desta pesquisa, ocorreu o segundo encontro, apoiado pelo seu grupo e sempre com a supervisão de seu Mestre.



(10/02/2020 publicada como imagem pública na página de Sabrina Silva no Facebook)

É importante perceber a partir destes relatos que Sabrina Silva, mesmo antes da pandemia sempre esteve envolvida em uma rede de mulheres a fim de dar visibilidade às conquistas das capoeiristas do Estado nessa prática.

Antes do início da pandemia da Covid 19, Sabrina dava aulas voluntárias de capoeira em quatro escolas no município de Belém que tiveram que ser suspensas, foi nesse momento em que não podia mais estar fisicamente próxima da capoeira em rodas que organizou suas *lives* no facebook.

Nessa pandemia eu tive que me reinventar né? Porque todo final de semana eu tava dando aula, eu tava em eventos, eu tava em roda. Então eu senti muito, ficava aqui dentro de casa, por mais que a gente fique com nossos familiares, nossos filhos, mas eu senti muito de tá na capoeira, de tá apertando a mão do meu colega quando ia pra roda, de tá abraçando, sou uma pessoa muito de chegar e dar atenção, de ser comunicativa, de passar o meu melhor para as pessoas. Então eu senti muito isso. Então eu pensei e disse que tinha que tentar fazer algo pra capoeira, pra que eu me conectasse com as pessoas, então eu criei e reinventei essas lives né? Fazer com que também as pessoas se conectassem, ficassem online e interagissem, aprendessem né? (Silva, Sabrina. Áudio via whatsapp em 11/08/2020)

Um aspecto interessante me chama a atenção nessa fala de Sabrina, entender o quanto que para ela era necessário fazer algo pela capoeira mesmo durante a pandemia, e também a necessidade de socialização com outros capoeiristas. Nesse momento, a internet se tornou a ponte de conexão entre eles, como foi elucidado no capítulo anterior, tanto que Sabrina contou em entrevista que essas *lives* lhe deram a oportunidade de conhecer pessoas de fora do Estado, já que ela não possui condições financeiras para viajar.

Ao escolher realizar a maioria de suas entrevistas com mulheres, Sabrina escolheu seu campo de atuação político, porém sem desvincular sua imagem ao do seu pai. Por isso que sua

primeira gravação foi com seu Mestre e pai, a qual será analisada a partir daqui.

2.2 Live 1: Vivência do Mestre Walcir no Estado do Pará

A primeira *live* de Sabrina Silva aconteceu no dia 17/05/2020, às 16:00, entrevistando seu Mestre e pai, o Mestre Walcir. A entrevista durou duas horas e quarenta e quatro minutos e teve como tema: “Vivência do mestre Walcir no Estado do Pará”. Deste modo, Sabrina iniciou sua fala explicando que houve um imprevisto, pois a *live* iria ser gravada no quintal, mas começou a chover e precisaram retirar o cenário para colocar dentro de sua residência. Assim, como pano de fundo de seu cenário, Sabrina colocou a bandeira do grupo Associação de Capoeira Senzala, e ao seu lado montou uma mesa com alguns pertences de seu Mestre como uma espécie de altar, ao fundo se ouvia em volume baixo uma cantiga de capoeira que ecoava de uma caixinha de som que a mesma colocou ali.

Dando continuidade à *live*, Sabrina solicitou aos que estavam assistindo que compartilhassem o link em suas redes sociais para que mais pessoas pudessem se conectar, posteriormente apresentou os objetos que estavam sobre a mesa, como os caxixis, que o próprio mestre confecciona, um cartaz emoldurado de um evento que ele participou, o cartaz do 1º seminário Paranaú Capoeira que ela organizou junto com seu Mestre, um livro de autoria do mestre, os bonecos que ele também confecciona, Sabrina explicou que para a montagem dos bonecos ele utiliza linhas de costura, arames e cabos de vassoura, vale frisar que sobre a mesa também se encontrava os livros que ele gosta de ler, além de presentes que ganhou e o cordel do mestre.

Posteriormente, Sabrina agradeceu a participação das pessoas que estavam presentes, e então, aos sete minutos de *live*, Mestre Walcir sentou no sofá ao lado de Sabrina, e ela avisou que iria se retirar para gravar e dar espaço para seu Mestre falar, mas antes explicou que o tema seria sobre a vivência do Mestre e que todas questões feitas durante a transmissão deveriam ser relacionadas ao tema, as perguntas iriam ser lidas por ela e sua irmã e em seguida repassada para ele. Assim, Mestre Walcir iniciou sua fala dizendo que durante sua explanação iria falar de vários Mestres, dos antigos aos mais atuais. Cabe ressaltar que logo após isso, o mesmo fez um agradecimento aos alunos, aos mestres do Estado do Pará e também de outros Estados, além de agradecer a todas as pessoas que entendem a importância da capoeira no Estado e no país, e alertou para as pessoas usarem máscaras.

Em seguida, o entrevistado mencionou alguns trabalhos desenvolvidos por Mestres da Bahia, como o Mestre Couro Seco, filho de Mestre Pelé, que estava realizando uma série de

lives na Alemanha intitulada: “Filho de peixe, peixinho é!”, na qual Sabrina foi entrevistada. Logo depois se apresentou como José Walcir Lopes da Silva e, ao iniciar sua fala durante a gravação, Mestre Walcir contou que nasceu em 29/07/1963, e iniciou a capoeira em 1977. Antes de ingressar na capoeira, praticava ginástica olímpica na Escola de Educação Física, mas relatou que teve dificuldades quando iniciou a prática da capoeira pois sabia apenas saltar. Mas não sabia gingar.

Em 1978 foi fundada a Fundação de Capoeira Senzala, grupo do qual faz parte, Mestre Walcir conta que o grupo senzala surgiu em uma época de muito preconceito em relação à capoeira por ser vista como “coisa de malandro”. Então mostrou durante a *live*, o livro que escreveu contando a formação do seu grupo e apresentou fotos de como se treinava capoeira nos quintais dos Mestres, disse que a capoeira sai dos fundos de quintais, alcança os centros comunitários, para os colégios, para os clubes e depois para as universidades, não só no Estado, mas no país inteiro, segundo ele: “A capoeira forma caráter e cidadão, ela é muito importante para crianças, pois forma o cognitivo, inteligência e dá mais responsabilidade”.

Ao falar da fundação do Grupo de Capoeira Senzala, relatou que antigamente poucos grupos de capoeira possuíam nome, apenas um ano depois da formação do grupo, que foi surgir o nome Senzala e já tinha 53 pessoas treinando no grupo e contou que foi uma mulher deu o nome ao grupo de “Capoeira Senzala”, Cristina Teixeira, que era uma das pessoas que incentivavam e organizavam o grupo. Somente em 1998 se transformou em Associação de Capoeira Senzala.

Durante a *live* explicou também sobre a formação de um Mestre na capoeira e afirmou que quem dá o primeiro nome de Mestre a um capoeirista são seus alunos, quando a comunidade chama um mestre de “Mestre” é sinal de respeito e reconhecimento do trabalho exercido no Estado.

Continuando sua fala sobre a valorização dos Mestres na capoeira, Mestre Walcir relatou que em uma visita de Mestre Pulmão à sua casa, contou a ele uma história onde um menino chegou em casa chorando com bastante raiva e disse para seu pai que um menino na escola havia feito uma brincadeira com ele e, por isso, ele ficou com muita raiva a ponto de querer bater nele. Então o pai disse para ele pegar Carvão e jogar em uma camisa branca que estava no varal. Então o menino jogou, mas não conseguia acertar a camisa, então o pai o levou ao espelho e o menino estava todo sujo de carvão, ou seja, o pai conseguiu conduzir a raiva do garoto e Mestre Walcir disse que era isso que um Mestre deveria fazer com seus alunos, para que possam entender a importância que tem a capoeira e seus Mestres.

Após a fala de seu Mestre, Sabrina afirmou que se sentia orgulhosa de ser filha do Mestre

Walcir e que sempre procura passar a humildade que ele proporciona para suas filhas, a atenção, o carinho e o respeito pelas pessoas que não conhece. Como filha de Mestre, ela procura sempre interagir com as pessoas e ser a pessoa que é, como o seu pai sempre ensinou, e a sempre respeitar seu Mestre. Porque como ele sempre fala, “A capoeira é para todos mas nem todos são pela capoeira”.

2.3 O que faz e o que se herda

Segundo Camila Firmino (2011), a prática e os grupos de capoeira se estruturam a partir de dois tipos de hierarquia. Uma que entende por ‘hierarquia institucionalizada’ e outra chamada de ‘fluida’, na qual se disputam as posições de prestígio.

De acordo com Firmino (2011), nesse tipo de relação existiria uma espécie de “hierarquia institucionalizada” responsável por estabelecer etapas pré-estabelecidas, ou seja, graduações, as quais são alcançadas de maneira ordenada. Inclusive, nessas dinâmicas, o poder de um Mestre sobre seus alunos, quer seja pelo carisma, simpatia e liderança ou por sua destreza em uma roda de capoeira, faz com que, muitas vezes, haja um autoritarismo exacerbado apoiado pelos mecanismos dominadores de disciplina e de hierarquização.

Nessa perspectiva, o pensamento hierárquico assegura que a linhagem não se desmanche, a união conserva-se suportando o advento contínuo de novas unidades mínimas que constituem o grupo. Essa ideologia, fomenta a coesão interna e expansão do grupo, e, por essa razão, aumenta o valor simbólico a ele agregado.

Em oposição a hierarquia de graduações, que na maioria das vezes é estática, a hierarquia de estado fluida está sempre em conflito. Os capoeiristas entram em disputa no instante do jogo para demonstrar suas habilidades, de tal forma que o mais ágil é aquele que por meio do domínio dos golpes, consegue se sobressair nas disputas (FIRMINO, 2011). Sobre isso, durante a *live*, Mestre Walcir afirmou: “O Mestre não precisa provar graduação, seu trabalho tem que falar por si só. Tem alunos que testam a capacidade de um Mestre, mas não é porque um Mestre cai que irá deixar de ser Mestre, mais vale sua sabedoria, saber sair de uma briga sem agressão”.

Mas além da necessidade de saber se legitimar na hierarquia da capoeira por meio da própria técnica, há ainda todo um conjunto de estratégias simbólicas e relacionais, onde publicizar as conexões que se tem é tão importante quanto saber gingar. E ser bem relacionado, na capoeira, é ser legitimado perante os pares enquanto um capoeirista de valor.

Durante a *live*, foi interessante notar a deferência que Mestre Walcir atribui aos

mestres de outros estados. “Vou iniciar minha fala, falando não só dos Mestres daqui do Estado, mas também de outros Estados”. Essa fala demonstrou como que ele, enquanto Mestre, necessita se legitimar a partir de outros Mestres que são homens, inclusive os Mestres que interagem durante a *live*. Assim faz Sabrina quando procura construir sua reputação a partir da validação e prestígio do seu Mestre e pai que também foi o primeiro a ser entrevistado na sequência de *lives*. Esta dinâmica evidencia as relações de hierarquia internas da capoeira.



Imagem de captura de tela da live de Mestre Walcir.

Ao analisar a imagem acima percebemos o cuidado que Sabrina teve em escolher os objetos que seriam expostos durante a live: são objetos que elucidam a trajetória de Mestre Walcir, e todos tratam sobre o próprio Mestre. Entretanto, vale observar, Sabrina não fez o mesmo nas outras lives analisadas neste trabalho, como mencionado anteriormente, o cenário das outras entrevistas eram apenas a bandeira do grupo ao qual ela está inserida, ou seja, representando o próprio pai dela, já que ele é o Mestre do seu grupo. O fato de Sabrina escolher colocar a bandeira do seu grupo e não a bandeira do Movimento Capoeira Mulher do qual ela faz parte reforça a hierarquia presente nesta prática.

A relação de Sabrina com seu Mestre é de construção de sua reputação desde muito cedo, já que ele a incentivava a participar de muitos torneios de capoeira nos quais ela sempre ganhava o primeiro ou segundo lugar, como o torneio da Federação Paraense de Capoeira em que foi campeã em 2004 e foi escolhida para participar do torneio brasileiro que foi realizado em Brasília, em que ganhou o segundo lugar.



Foto enviada por Sabrina via *whatsapp* no dia 11/08/2020

A imagem acima foi registrada no dia em que Sabrina ganhou o Senzala Prêmio em 2018 e relatou em entrevista que: “Foi por mérito meu que meu Mestre me deu, por eu correr atrás, por eu dar aula, por eu organizar, tá no meio, me deu por mérito meu, não por eu ser filha de Mestre”. A partir deste relato é interessante se atentar que Sabrina tem a necessidade de mostrar que sua reputação não foi construída às margens da reputação de seu pai, mas por seu mérito próprio. Entretanto, é um paradoxo que se mostra aqui, já que nos eventos que a mesma produz é necessário a supervisão de Mestre Walcir.

A relação entre a Sabrina e seu Mestre na capoeira se soma aos laços consanguíneos e se torna duradoura pois esses ensinamentos compartilhados pela capoeira também são repassados para os filhos de Sabrina que também praticam a capoeira, então a relação familiar é construída com base nos fundamentos da própria capoeira. Nesse sentido, Cláudia Fonseca (2003) explica que para Janet Carsten seria mais propício a utilização do termo "conexão" “em oposição ou ao lado de parentesco” (FONSECA, 2003, P.9), como algo que está para além do sangue, do sêmen e do leite materno, que remetem a "substância compartilhada" e que criam o tipo de relação profunda e duradoura, quebrando a noção clássica dos estudos de parentesco onde o sangue definia este parentesco.

2.3 A live é a roda

A roda é um importante elemento estrutural da capoeira. É nela que se mostra grande parte da sua epistemologia e, conseqüentemente, o espaço onde se reafirmam os laços sociais e sua identidade. Assimilamos tal ideia de acordo com a Certidão emitida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao registrar como bem cultural a roda de

capoeira:

A Roda de Capoeira é um elemento estruturante desta manifestação, espaço e tempo onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana [...] recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira se batizam os iniciantes, se formam e se consagram os grandes mestres, se transmitem e se reiteram práticas e valores afrobrasileiros. (ADINOLFI: 2008. Disponível em: < <http://www.iphan.gov.br>. Acesso em 10 de julho de 2011).

A citação acima, atrelada às informações das pesquisas realizadas pelo IPHAN, apresenta um elemento que representa a imagem da socialização, isto é, a roda. Como os documentos do IPHAN demonstram, a capoeira é uma prática que promove a socialização de seus participantes, sejam eles de diferentes grupos de gênero, faixa etária, étnico, entre outras variações, criando suas redes de sociabilidade. A roda é a expressão que sintetiza todos esses aspectos, pois é nela que os capoeiristas transmitem e aprendem seus valores, regras, sentidos e satisfações, estabelecendo, assim, sua associação e uma de suas formas de unidade.

Como descrito anteriormente, percebe-se que Sabrina tenta trazer as tradições da capoeira para dentro das lives, entretanto os fundamentos da capoeira são extremamente machistas quando silenciam as mulheres, e Sabrina fez o mesmo quando interrompia as falas de suas interlocutoras durante as lives.

Por exemplo, durante a entrevista de Leca, Sabrina a interrompeu para saudar os Mestres que estavam assistindo, pois segundo ela, quando entra Mestre na roda é necessário parar o jogo para saudar o Mestre, e fez o mesmo diversas vezes durante a mesma entrevista. Inclusive gerou um certo desconforto já que quando Leca Marinho retornou sua fala, ela pontuou o quanto é difícil ser mulher dentro da capoeira, deixando subentendido esse desconforto. Na live que teve a Treinela Darcica como entrevistada, houve o mesmo caso de silenciamento, sempre justificado pela “tradição da capoeira”.

Compreende-se, portanto, que a dinâmica presente nas lives, como as interações de quem estava assistindo, a fala das interlocutoras e as próprias interrupções de Sabrina, refletem o jogo da roda de capoeira, com os golpes dos participantes e a própria ginga que, segundo Waldeloir Rego (1968), possui grande centralidade nesta prática:

O jogo da capoeira é algo difícil, complicado e requer uma atenção extraordinária, senão poderá ser fatal para um dos jogadores. O capoeira tem que ser o mais possível leve, ter grande flexibilidade no corpo e gingar o tempo todo durante o jogo. A ginga é elemento fundamental. Da ginga é que saem os golpes de defesa e ataque, não só golpes comuns a todos os capoeiras, como os pessoais e os improvisados na hora. (REGO, 1968, p. 57)

Percebe-se que o autor destaca dois elementos característicos da ginga, a concentração e a flexibilidade. A concentração como utilização densa dos sentidos, que nela se tornam unos. Assim, o desenvolvimento refinado e o aproveitamento agregado das formas sensoriais de percepção põem a ginga no *locus* do jogo da capoeira. Sua segunda característica, a flexibilidade, significa não somente a capacidade física de se contorcer ou se moldar ao jogo, mas também de refazer as intenções referentes à ginga.

Aqui, é interessante notar a ênfase dada pelo Mestre Walcir, em sua fala, sobre o quanto precisou primeiro aprender a ginga para, então, se tornar um capoeira. A ginga é de suma importância para os capoeiristas, pois pode ser compreendida como um dispositivo ético e estético dos (as) capoeiristas, que é utilizado enquanto instrumento de navegação social dentro e fora da roda de capoeira, a ginga pode ser compreendida como uma ligação que permite analisar como vidas subalternas produzem as suas existências sociais, e como ela pode ser utilizada como um discurso de embate social em uma sociedade que as rejeita e invisibiliza, já que, muitas vezes, a ginga foi e é utilizada como artefato de sobrevivência.

Segundo James Scott (2013), existe um conjunto ou repertório de disfarces, estratégias e ardis que fazem parte do que ele denomina de discurso oculto e público dos dominados. Todos os grupos subalternizados criam, a partir da sua experiência de sofrimento, um discurso oculto que representa uma crítica ao poder, expressa nas costas dos dominadores. O autor chama a atenção para o fato de que os discursos ocultos não tomam apenas a forma verbal, mas um conjunto vasto de possibilidades que envolvem sempre a dissimulação, o disfarce e que abarcam toda a cultura popular subalterna (SCOTT, 2013, p. 19).

Mas sobre a ginga, destaca-se também a definição da pesquisadora e Mestra de capoeira Janja Araújo (2004):

Ginga: movimento fundamental, do qual partem todos os golpes ofensivos ou defensivos, e em que o capoeirista, agitando-se sem deixar de manter a base de apoio, em conjugação com as mãos, procura iludir e desnortear o adversário. Molejo, malandragem, astúcia, “jogo de cintura”, dissimulação etc., atributos de conduta que podem ser valorizados simultaneamente como sendo positivos e negativos. Indica a capacidade de negociar determinadas situações, aprendendo a reconhecer os momentos de recuo como condição de se manter jogando. Também se refere à Rainha Ginga, entidade da nobreza religiosa nas festividades do congado, espalhadas pelo Brasil. (ARAÚJO, 2004, p. 26)

O sentido de esconder, ocultar intenções, distrair e disfarçar, são algumas ideias que atravessam o conceito da ginga, como explana o conhecido Mestre Pastinha:

A palavra “ginga”, em capoeira, significa a perfeita coordenação de movimentos do corpo que o capoeirista executa com o objetivo de distrair a atenção do adversário

para torná-lo vulnerável à aplicação dos seus golpes. Os movimentos da ginga são suaves e de grande flexibilidade – confundem facilmente a quem não esteja familiarizado com a capoeira, tornando-o presa fácil a um agressor que conheça essa modalidade de luta. Na ginga se encontra a extraordinária malícia da capoeira, além de ser uma característica fundamental. (PASTINHA, 1988, p. 40).

Na definição dada por Tavares (2013), o autor se refere à ginga enquanto uma pauta que se insere na cotidianidade dos capoeiristas em seu modo constante de jogo e alerta. A essa pauta se junta a capacidade interpretativa do jogo, através do corpo, que é dada pela própria ação da ginga:

A ginga, portanto, é pauta por onde se configuram os arranjos cinéticos das defesas e dos ataques. É ela um elemento essencial para a execução da prática, atuando por um efeito dissimulador da intenção. A leitura desta intenção será feita pelo jogador, por intermédio da percepção da linguagem corporal adotada pelo adversário. A esta se chega por um olhar fixo nos olhos do oponente-parceiro. (TAVARES, 2013, p. 100)

Sendo assim, compreende-se um paradoxo imposto aqui, especialmente às mulheres que ouvimos desde o primeiro capítulo: como lutar pela igualdade em uma manifestação cultural onde seus fundamentos são construídos com base na hierarquia? Tendo em vista que os valores não são fabricados pela igualdade, mas pela disciplina e respeito aos superiores? Essas mulheres utilizam da própria ginga na luta pela quebra de barreiras, mas sempre tomando cuidado para não desrespeitar os mandamentos da capoeira.

Como percebe-se nas lives com o jogo de palavras das entrevistadas, onde a intenção é sempre mascarada, não ficou evidente para mim, enquanto pesquisadora, se foi dito tudo o que as entrevistadas queriam, já que ali elas sabiam que estavam sendo assistidas por Mestres e outros capoeiristas.

Outra semelhança entre a *live* e as rodas de capoeira se remete à própria hierarquia do jogo, como foi explicitado anteriormente, Firmino afirmou que há duas formas de se tornar Mestre, uma é a hierarquia institucionalizada e a outra é a fluida, sendo que a segunda é quando alguém se torna Mestre pelo prestígio e reputação, e isso se dá justamente pelos trabalhos desenvolvidos na capoeira, e isto responde à motivação de Sabrina em realizar seus trabalhos antes e principalmente durante a pandemia, para que isto pudesse legitimar um futuro título de Mestre.

Essa construção de sua legitimação se dá até mesmo durante as *lives*, já que o centro da dinâmica não são as interlocutoras, mas a própria Sabrina, já que é ela quem dita as regras do jogo, mesmo sem deixar explícito foi ela quem escolheu quem iria participar de cada *live*, o eixo de todas as lives é o *lôcus* de atuação política, também, para a produção de sua reputação.

Considerações finais

Dizer que fazer pesquisa em ambiente digital é uma tarefa fácil, seria no mínimo uma invenção da minha parte, essa decisão, no início, foi uma necessidade pelo momento que enfrentei, mas que no decorrer da pesquisa me vi encantada com as possibilidades das relações *on-off*. Quando meu nome saiu na lista de aprovados do curso de mestrado em novembro de 2019, jamais passou pela cabeça de ninguém que em breve iríamos enfrentar uma pandemia, mas o improvável aconteceu. Em março de 2020 quando as aulas iriam se iniciar estávamos começando a enfrentar a pandemia da COVID-19. Confesso que ali me desesperei, pois, o meu campo de pesquisa desde a graduação era a capoeira nas ruas, e a partir dali meu trabalho estava inviabilizado por conta do isolamento social.

Ao conversar com uma amiga sobre minhas dúvidas para o andamento da pesquisa, ela me informou que uma capoeirista participante do movimento de mulheres que eu já pesquisava desde a graduação, estava realizando uma série de *lives* no Facebook. Então comecei a observá-las e percebi um potencial dos dados para o prosseguimento da minha dissertação.

Desenvolver pesquisa em ambiente digital foi uma estratégia para continuar fazendo ciência, assim como para outros pesquisadores, já que não se sabia ao certo quanto tempo a pandemia iria durar. Apesar da chamada Antropologia Digital já estar em expansão, a pesquisa em ambientes digitais era relacionada apenas a um grupo de estudos específicos, porém, a crise sanitária nos forçou a compreendê-la melhor, tornando-se uma necessidade epistemológica e metodológica para nós cientistas sociais.

Porém, essa tarefa era extremamente desafiadora para os pesquisadores como eu, que caminhávamos por um campo totalmente desconhecido, sem ao menos um computador e com precário acesso à internet. Mas graças ao auxílio do Governo Federal, consegui adquirir um equipamento para dar continuidade à pesquisa. Infelizmente, essa era a realidade de muitos pesquisadores nortistas no decorrer da pandemia.

Durante a observação para meu trabalho de conclusão de curso finalizado em 2017, constatei que a predominância do debate sobre machismo na capoeira fez com que mulheres capoeiristas em Belém-PA se organizassem em um movimento chamado Movimento Capoeira Mulher, que realiza atividades entre a comunidade capoeirista desde 2001 e enfrentam vários obstáculos, como a própria hierarquia que é a base estrutural desta prática. Tanto que para outras mulheres participarem das atividades realizadas pelo movimento foi necessário que a capoeirista Silvia Leão pedisse a permissão aos Mestres de cada grupo que ela visitava.

Somado a isso, devido a algumas falas e comportamentos, dava-se a entender que, muitas vezes, os próprios Mestres de capoeira praticavam ou acobertavam as práticas de machismo dentro dos grupos. Em contraponto a essa realidade, percebi que no meio deste paradoxo a luta contra o machismo na capoeira é travada. Essas mulheres mostram que necessitam, o tempo todo, usar da “ginga” para alcançarem seus objetivos.

Entretanto, com a chegada da pandemia da COVID-19, foi somado a este paradoxo outros obstáculos como o isolamento social. Como lutar pela visibilidade da mulher nas rodas de capoeira se as rodas não podiam ir para as ruas, e sendo que esta prática se dá a partir do contato físico? Foi a partir desse entrave que a capoeirista Sabrina Silva, participante do Movimento Capoeira Mulher e sujeito desta pesquisa, usou a tecnologia como recurso emergencial para a continuação destes enfrentamentos em suas *lives* no Facebook. Porém, a tecnologia não foi capaz de reconfigurar o campo de atuação política dessas mulheres, já que depois da pandemia as *lives* foram encerradas e retomaram suas pautas dentro das rodas de capoeira presencialmente.

Ao decorrer das análises feitas em minha dissertação, constatei que a escolha dos títulos das *lives* por Sabrina, faziam a separação entre os Mestres e as mulheres na capoeira, indicando uma forte hierarquia dentro dessa prática e que é espelhada nas próprias *lives*, como foi mostrado durante a observação. Sendo assim, identifiquei que desde a escolha dos títulos dos encontros já se percebe a segregação que é legitimada pela hierarquia na capoeira.

A partir dos desdobramentos desta pesquisa foi observado que, apesar da internet não ter reconfigurado o campo de atuação política dessas mulheres, tornou-se um importante instrumento de negociação de espaço entre elas e os Mestres, pois ficou evidente, em algumas falas durante as transmissões ao vivo, certos diálogos que não seriam colocados da mesma forma se a situação fosse em uma conversa presencial. Além do que, o acesso às *lives* possibilitou que a posição das capoeiristas em relação aos problemas sociais da capoeira atingisse um outro alcance para além dos grupos de cada uma, formando-se também redes políticas.

Além de tudo, as *lives* se tornaram um espaço de denúncias de assédios morais e sexuais que antes não haviam sido debatidos da mesma forma nas rodas, mostrando que essas mulheres se sentiram mais seguras e isso ocorre por fazerem parte de uma parcela da sociedade que não é atendida adequadamente por políticas públicas e encontram na internet um recurso para realizar tais denúncias.

A partir disso, é importante refletir sobre como a internet possibilitou que grupos subalternos, que não tinham espaço nas arenas políticas pré-pandemia, pudessem ser ouvidos e se posicionarem politicamente, como foi o caso dessas mulheres que, por anos, já estavam travando uma luta diária contra as mazelas sociais presentes na capoeira. Porém, também é importante salientar que a internet pode ser ainda uma expressão de desigualdades sociais entre indivíduos esquecidos das políticas governamentais, inclusive durante uma crise sanitária, como foi observado nas quedas constantes de conexão durante as *lives* de Sabrina.

Outro dado importante desenvolvido nessa dissertação é o fato de Sabrina ter uma ligação muito forte com seu pai que também é Mestre do seu grupo, tanto que ele foi o primeiro entrevistado da sequência de 60 *lives*. Constatei, a partir daqui, que tanto o cenário como a própria dinâmica da *live* com seu pai se destoam das que ela entrevistou mulheres. Como a relação que ela possui com seu Mestre se estende para fora da roda, justificada por sua relação familiar, a capoeira torna-se uma substância compartilhada entre eles que está além do sangue, e esta herança é repassada para os filhos de Sabrina que são instruídos a partir dos mandamentos da capoeira.

Durante as entrevistas realizadas, ela deixou em evidência o respeito e admiração que possui por seu pai, e fez questão de destacar que todas as atividades que ela realiza são com a supervisão de Mestre Walcir, esse fato pode destacar que a reputação de Sabrina é legitimada a partir do prestígio do seu Mestre. Contudo, ela deixa explícito em suas entrevistas que suas conquistas dentro da capoeira são por mérito próprio e não por ser filha de Mestre.

Outro resultado constatado a partir de minhas análises é o fato dos conteúdos das *lives* não parecem ser as conquistas das mulheres na capoeira, mas a utilização da internet como locus de atuação política pelas capoeiristas para o engajamento de suas pautas feministas, apesar de observar as constantes interrupções das falas das mesmas por Sabrina para dar lugar à chegada dos Mestres nas *lives*, situação que era causada pela própria dinâmica hierárquica da capoeira.

Assim, a importância desta dissertação se dá pelo fato de, a partir de nosso trabalho como cientistas sociais, encontrarmos a possibilidade de apontar a internet não só como instrumento de pesquisa, mas também o veículo que executa a viagem quanto ao ambiente no qual o campo acontece, além de se apresentar como espaço de atuação política em diversas vertentes, aqui apontamos para as mulheres capoeiristas que denunciaram e elucidaram as desigualdades de gênero dentro da prática da capoeira, mesmo que momentaneamente durante

o período da pandemia. Compreendemos ainda que estas ações podem ter servido de base e inspiração para que outras mulheres fortaleçam suas lutas e se unam ainda mais na busca da igualdade de gênero.

Referências

- ALCÂNTARA, Livia M. de. Ciberativismo e a Dimensão Comunicativa dos Movimentos Sociais: repertórios, organização e difusão. **Revista Política & Sociedade**. v. 15 n. 34. p. 315-338. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2016v15n34p315>.
- ARAÚJO, Rosangela Costa. **Iê viva meu mestre: a Capoeira Angola da “escola pastiniana” como práxis educativa**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- BOELLSTORFF, Tom. **Coming of age in second life**. Princeton: Princeton University Press, 2008.
- BRASIL. **Decreto nº 847**, de 11 de outubro de 1980. Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 21 set. 2016.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CARNEIRO, Suely. **Gênero, Raça e Ascensão Social**. Teoria e Pesquisa – IFCS, UFERJ, PPICIS/UERJ, Rio de Janeiro 1995.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos feministas 1. 2002, p.171-189.
- Collins, Patricia Hill. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico]. Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo. Boitempo, 2020.
- FIRMINO, Camila Rocha. **Capoeiras: gênero e hierarquias em jogo**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 2011.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GOMES, Laura Graziela; LEITÃO, Débora. **Estar e não estar lá, eis a questão: pesquisa etnográfica no Second Life**. Revista Cronos Natal, v. 12, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- GOMES, Maria Zeneide. **Identidade de Gênero: mandingas, malícias e o jogo de poder nas rodas de capoeira paraense**. Revista Gênero na Amazônia, Belém, n. 7-12, jul./dez., 2017.
- IANNI, Octavio. As Ciências Sociais na Época da Globalização. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 13 (37). 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/wyc3F6VprfGJY56gF4CPRZN/?format=pdf>.

IDEC. **Acesso à Internet na Região Norte do Brasil**. Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor e Derechos Digitales. Mar. 2022. Disponível em: <https://idec.org.br/pesquisas-acesso-internet>

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. São Paulo: Martins, 1960. p. 271-2.

LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís (2020). **Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social**+ Laboratório de Humanidades Digitais (dhlab) da PUC-Rio e Laboratório de Metodologia (LabMet) do Instituto de Relações Internacionais (IRI)/PUC-Rio (digital).

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, boi-bumbá e política no Pará republicano (1889 – 1906)**. Afro-Ásia, Salvador, n. 32, 2005.

LINS, Beatriz A.; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane T. **Estratégias para pensar o digital**. Cadernos de Campo (São Paulo, online) | vol. 29, n.2 | p.1-10| USP 2020.

MACHADO, Jorge Alberto S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 18, p.248-285, Jul./dez.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151745222007000200012&script=sci_arttext>. Acesso em 03 fev. 2015

MARQUES, N.; MENDES, J. M. **Movimentos Sociais e Pandemia: Lições de anos em turbulência**. Revista Internacional em Língua Portuguesa, [S. l.], n. 44, p. 43–56, 2023. DOI: 10.31492/2184-2043.RILP2023.44/pp.43-56. Disponível em: https://www.rilp-aulp.org/index.php/rilp/article/view/rilp2023_44pp.43-56. Acesso em: 19 nov. 2023.

McKLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Routledge, 1995.

MELLO, André da Silva. **A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal**. In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2002, Ponta Grossa/PR. **Anais...** Ponta Grossa/PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. **Etnografia on e off line: cybercafés em Trinidad**. Revista Horizontes Antropológicos, n. 21, 2004.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero**. Salvador. EDUFBA, 2009.

PUKE, Natalia **O corpo como escrita: (re)existências africanas na capoeira**. Rio Claro. 2018. 188 p

REIS, L. V. S. **O Mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo. Publisher Brasil, 2000.

REGO, Waldeloir. **O Ensaio etnográfico da Capoeira Angola**. Salvador, Editora Itapoã, 1968

RUBIN, Gayle. **The traffic in Women: Notes on the 'Political Economy of Sex**. In: REITER, Rayna. *Toward an Anthropology of Women*. Monthly Review Press, New York, 1975.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O Futuro Começa Agora: Da Pandemia à Utopia**. Lisboa:Edições 70. 2020.

SCHERER-WARREN, I. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. *Sociedade e Estado*, v. 21, n. 1, p. 109–130, jan. 2006.

SOUZA, Janaina. **História da Capoeira no Brasil e seu aspecto jurídico: da marginalização a patrimônio cultural**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Superior do Litoral do Paraná - ISULPAR, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Direito. Paraguá, 2013.

TAVARES, Júlio César. **Dança de guerra, arquivo e arma: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-Brasileira**. Belo Horizonte. Editora Nadyala, 2013.